

## Um depósito votivo da Idade do Bronze na Moita da Ladra (Vila Franca de Xira): Síntese dos trabalhos realizados e resultados preliminares.

MÁRIO MONTEIRO E ANDRÉ PEREIRA<sup>1</sup>

### Resumo:

No âmbito dos trabalhos arqueológicos realizados em 2009 na Pedreira da Moita da Ladra foi escavado um depósito votivo do Bronze Final, localizado na base de um afloramento calcário, que tinha já sido identificado em 2003. Abrangendo uma área com pouco menos de 4 m de comprimento por 3m de largura e uma profundidade máxima com cerca de 70 cm, o local terá sido ocupado durante um curto período de tempo, ao longo do qual o espaço foi continuamente utilizado. No local foram exumados cerca de 50 vasos (nalguns casos com superfície brunida) e abundante fauna mamalógica e malacológica, que constituem o espólio votivo. Para além destes recolheram-se escassos fragmentos de adornos em bronze (entre os quais fibulas, alfinetes e argolas) e uma conta de colar, aparentemente ali deixados sem qualquer intencionalidade. Perante os dados obtidos, a uniformidade na tipologia do espólio e a análise prévia do mesmo, admite-se um curto período de ocupação do espaço (100 anos se tanto) com distintos momentos cerimoniais, tendo esta decorrido, de acordo com os paralelos obtidos para o espólio, numa segunda etapa da Idade do Bronze Final, cerca do século X-IX a.C. (datação relativa).

### 1. Introdução

➤ No âmbito dos trabalhos arqueológicos realizados em 2009 na Pedreira da Moita da Ladra foi escavado um depósito votivo do Bronze Final, localizado na base de um afloramento calcário, que tinha já sido identificado em 2003.

A pedreira da Moita da Ladra, N.º 2 (pedreira n.º 2029) , propriedade da empresa Alves Ribeiro, S.A., localiza-se no distrito de Lisboa, concelho de Vila Franca de Xira, freguesia de Vialonga, a cerca de 500m para NE da povoação Verdelha do Ruivo (Figura 1).

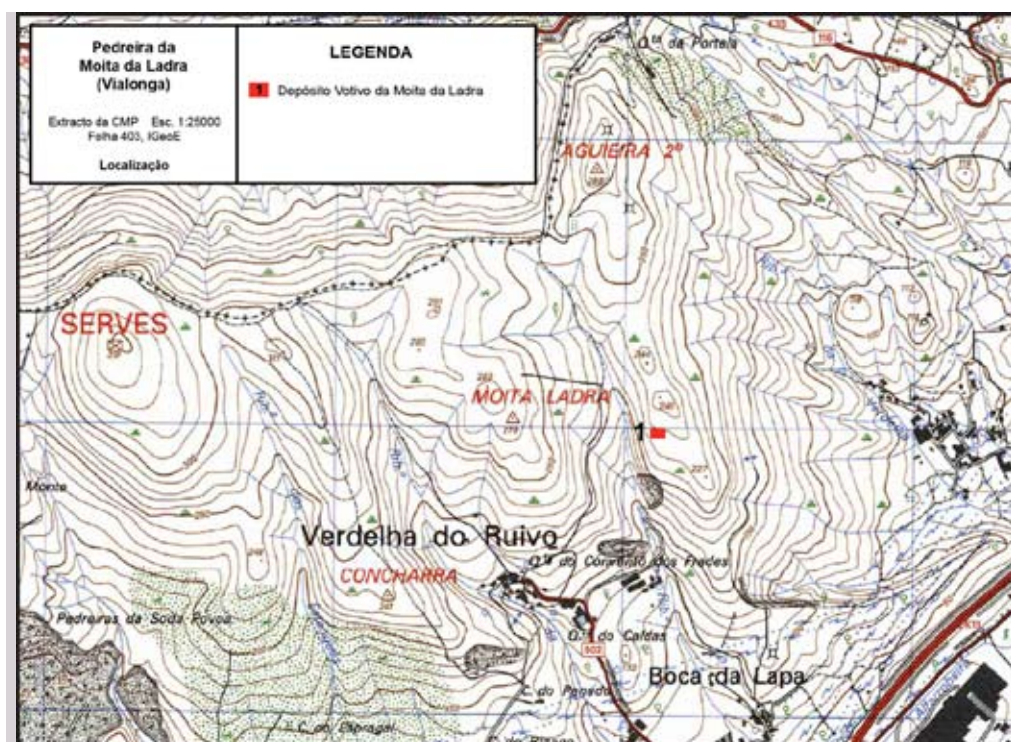


Figura 1  
Localização da área de estudo em extracto da Carta Militar de Portugal, Folha 403, IGeoE.



**Figura 2**  
Chaminé vulcânica onde se localizava o povoado Calcolítico.

**Figura 3**  
Área do depósito votivo.

A pedreira explora os basaltos de uma chaminé vulcânica pertencente ao Complexo Vulcânico de Lisboa, de idade fini-cretácica, encaixada em calcários do Cretácico Superior (Figura 2), localizando-se a área de estudo na referida formação calcária. A ampliação da pedreira para este sector de calcários deveu-se à necessidade de criar uma faixa de segurança para a exploração dos basaltos.

Morfológicamente a área onde decorreram os trabalhos arqueológicos localiza-se na base de uma encosta de suave pendor virada a Sul (Figura 3), a uma altitude de cerca de 227 m, em zona com vasta visibilidade sobre o estuário do Tejo, principalmente para jusante.

Os trabalhos arqueológicos foram realizados por EMERITA - Empresa Portuguesa de Arqueologia, Lda., sob a direcção dos signatários.

Participaram também nos trabalhos de campo os arqueólogos Nuno Banha e Cézer Santos (que deu apoio e formação na exumação de materiais com recurso a Plextol), o técnico de arqueologia Emanuel Carvalho e três trabalhadores indiferenciados fornecidos pelo dono-de-obra. Para além destes contou-se com o apoio científico do Mestre Guilherme Cardoso.

Distingue-se a óptima e pronta colaboração prestada pelo dono-da-obra, através da disponibilização de meios humanos e mecânicos, que

muito contribuíram para o bom andamento dos trabalhos. Por esse facto, manifestam-se os devidos agradecimentos ao responsável da pedreira, o Sr. Eng. Nuno Neves, e ao encarregado Sr. Carlos Carvalho.

Foi efectuado o levantamento topográfico das áreas de escavação, com ligação à Rede Geodésica Nacional no Sistema Hayford-Gauss *datum* 73 (Melriça), trabalho executado pelo Sr. José Carlos, topógrafo da Alves Ribeiro, S.A.

Os trabalhos foram financiados pelas firmas ALVES RIBEIRO, S.A. e Portuguesa de Arqueologia, Lda.

Encontram-se a colaborar no estudo dos materiais os seguintes investigadores:

- António Monge Soares, do IST/ITN, Instituto Superior Técnico, UTL: datação por radiocarbono (ossos, conchas e carvões);
- Pedro Valério, do IST/ITN, Instituto Superior Técnico, UTL: análise dos bronzes;
- António Gonçalves, na análise da conta - IST/ITN, Instituto Superior Técnico, UTL;
- Cleia Detry, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa: estudo da fauna malacológica e malacológica;
- Guilherme Cardoso, arqueólogo da Assembleia Distrital de Lisboa: apoio científico no estudo geral do espólio.

## 2. Antecedentes

No âmbito dos trabalhos realizados em 2003, dirigidos por João Luís Cardoso e João Carlos Caninas, nos quais participou Mário Monteiro, foram realizadas diversas sondagens mecânicas na envolvente dos covachos e quatro sanjas paralelas entre o povoado e os covachos (ver Figura 2), tendo como finalidade identificar eventuais vestígios arqueológicos.

Em Novembro-Dezembro de 2003 executou-se a desmatização e decapagem mecânica da camada vegetal, entre 10 cm e 20 cm, em toda a encosta na extremidade NO da pedreira, que iria ser afectada pela ampliação da pedreira. Face à proximidade com dois covachos do Bronze Final (escavados entre as sondagens 3 e 4 – Figura 4) e à grande densidade do coberto herbáceo, optou-se então pela metodologia acima referida.

No decurso dos trabalhos identificou-se uma pequena mancha com vestígios arqueológicos, localizada na base de um afloramento calcário (pensava-se então numa lixeira dada a diversidade dos materiais), que se supôs estarem associados a um possível povoado da Idade do Bronze, que se deverá localizar para norte nas cotas mais elevadas, e aos covachos do Bronze Final escavados poucos metros a SE.

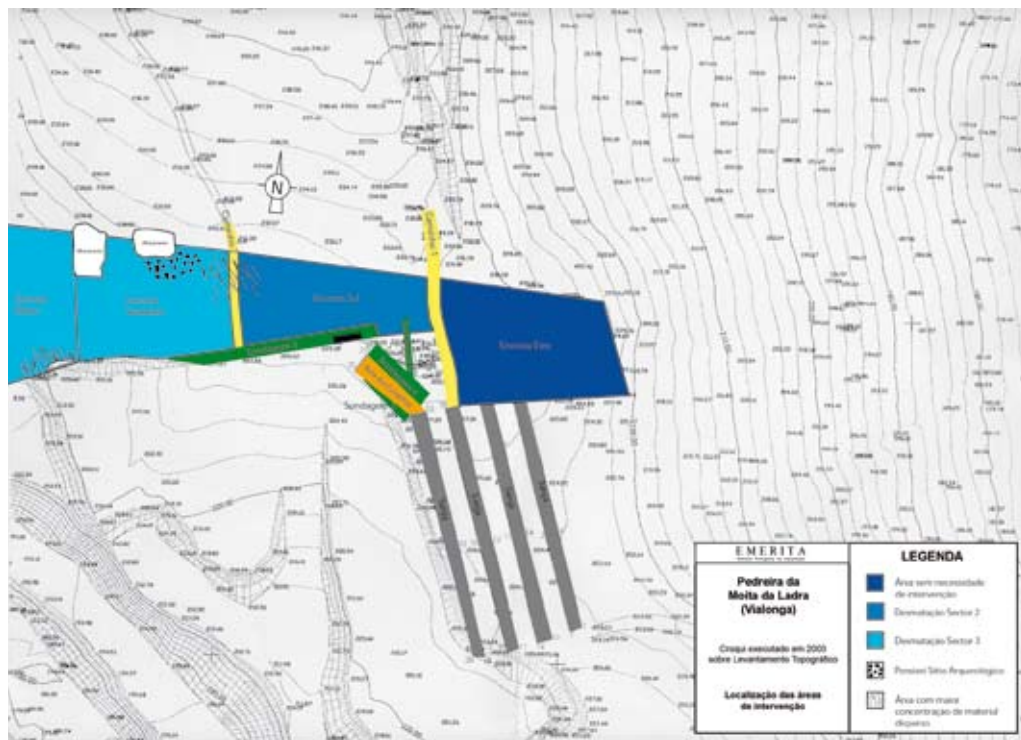


Figura 4  
Croqui executado em 2003 referente aos trabalhos de sondagens e decapagem.

No local (Figura 4, na encosta Sudoeste) os materiais eram muito frequentes na camada vegetal sob a camada com raízes, que fora removida, junto ao afloramento calcário onde se observou uma significativa concentração de materiais (cerâmica – inclusive com superfície brunida -, ossos, conchas e um fragmento de bronze) do Bronze Final. Os materiais encontravam-se a cerca de 10 cm da superfície, tendo sido pouco afectados pela pá da máquina.

A Este do sítio anteriormente mencionado, identificou-se uma concentração de fragmentos cerâmicos no Caminho 2 (ver Figura 4), envolvidos na camada vegetal. Verificou-se que os materiais rareavam para Sul deste local, sendo as cerâmicas de menores dimensões e mais roladas, pelo que se concluiu serem materiais arrastados pelas chuvas



e pelos trabalhos agrícolas (segundo informação de um habitante local, e trabalhador da pedreira, até aos anos de 1970-1980 aqueles terrenos eram utilizados como seara).

De igual forma se identificou uma mancha com fragmentos cerâmicos junto de uma corta da pedreira (ver encosta Oeste na Figura 4). Neste local os materiais surgiam com alguma frequência, sendo na maioria cerâmicas de pequenas dimensões e roladas, presentes na camada vegetal. Aparentemente, estes materiais teriam também origem no arrasto pelas chuvas e pelos trabalhos agrícolas. Todavia, dado o facto de se encontrarem junto de um afloramento, tal como os covachos e a mancha inicialmente referida, considerou-se aquele um local com elevado potencial arqueológico.

O espólio recolhido em 2003, no âmbito da desmatização e decapagem nos Sectores 2 e 3, é composto por fragmentos líticos (restos de talhe em sílex, em quartzo, em quartzito e dois fragmentos de anfibolito polido) e fragmentos cerâmicos, predominantemente bojós. Os fragmentos de bordos são escassos, encontrando-se muito rolados e sendo de reduzidas dimensões.

Mediante uma análise macroscópica das pastas dos fragmentos cerâmicos, assim como dos bordos, constata-se que constituem vestígios descontextualizados das ocupações de toda a área do sítio arqueológico da Moita da Ladra, nomeadamente do Neolítico Antigo, do Calcolítico, da Idade do Bronze e, provavelmente, da I Idade do Ferro.

Colocou-se a possibilidade de existir um povoado com ocupação entre a Idade do Bronze e a Idade do Ferro nas cotas mais elevadas, situação reforçada pela existência de raros materiais de superfície no monte localizado a Norte.

### 3. A ocupação humana no monte da pedreira “Moita da Ladra”

Entre 2003 e 2009 os trabalhos arqueológicos desenvolvidos na pedreira “Moita da Ladra” colocaram a descoberto importantes vestígios arqueológicos que atestaram a ocupação humana ao longo dos montes da propriedade desde o Neolítico Antigo até à Idade do Bronze Final ou, possivelmente, até à I Idade do Ferro (Figura 5).

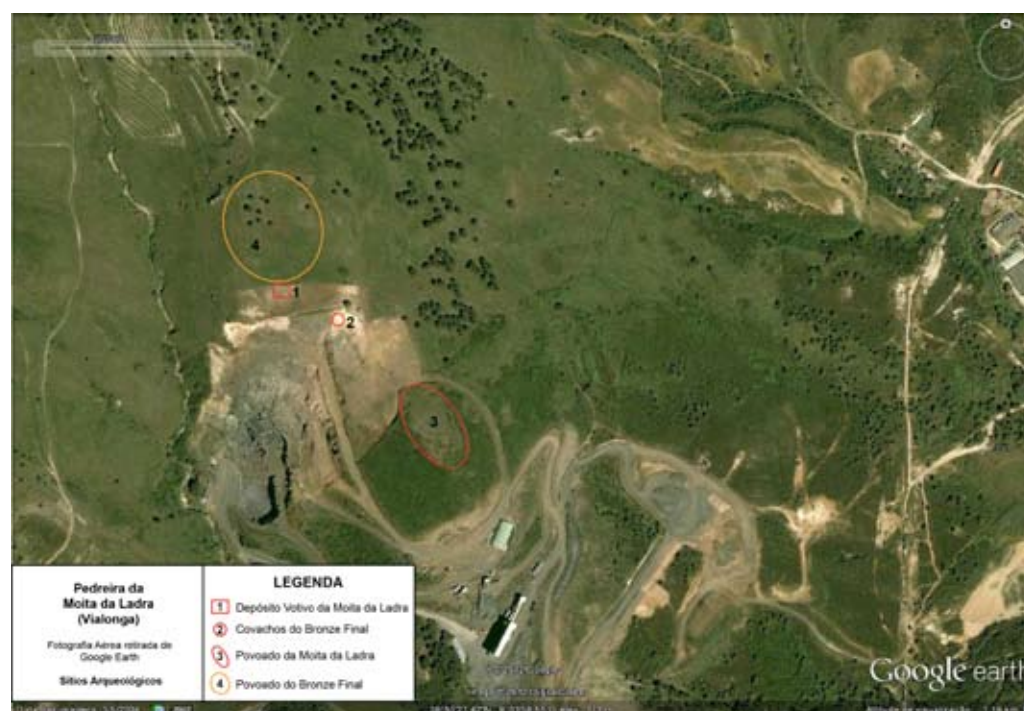


Figura 5  
Sítios Arqueológicos na Pedreira “Moita da Ladra”, imagem extraída do Google Earth.

Formando uma cumeeada que se destaca para sul das colinas onde se enquadra, entrando sobre o Vale do Rio Tejo, situação que lhe concede um amplo domínio visual sobre este vale, principalmente para jusante (Figura 6), o local é delimitado a Oeste pelo vale da Ribeira da Alfarrobeira e a Este pela Ribeira da Verdelha, formando estas ribeiras encostas de declive acentuado e, por conseguinte, de difícil acesso. Na vertente sul, de frente para o rio Tejo, uma longa encosta permitiria o acesso ao local com relativa facilidade, mas dificilmente sem ser detectada a aproximação (Figuras 7 e 8).



Figura 6  
Vista do vale do Tejo para jusante, a partir do depósito votivo.

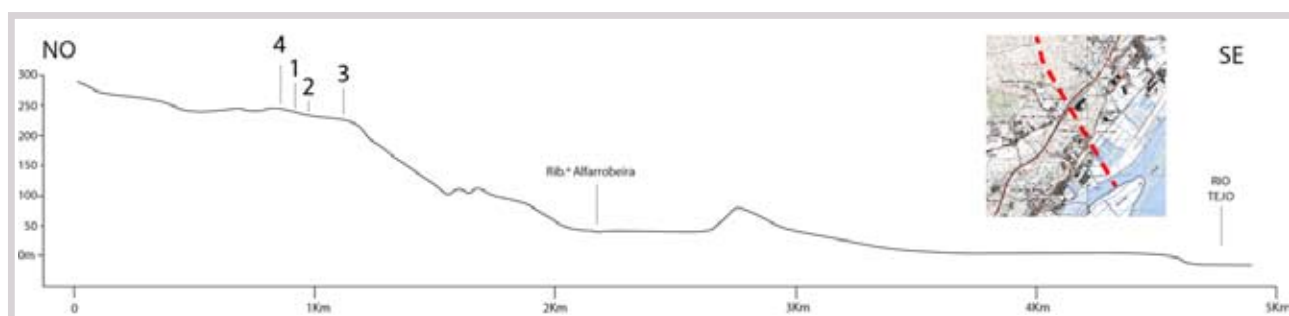
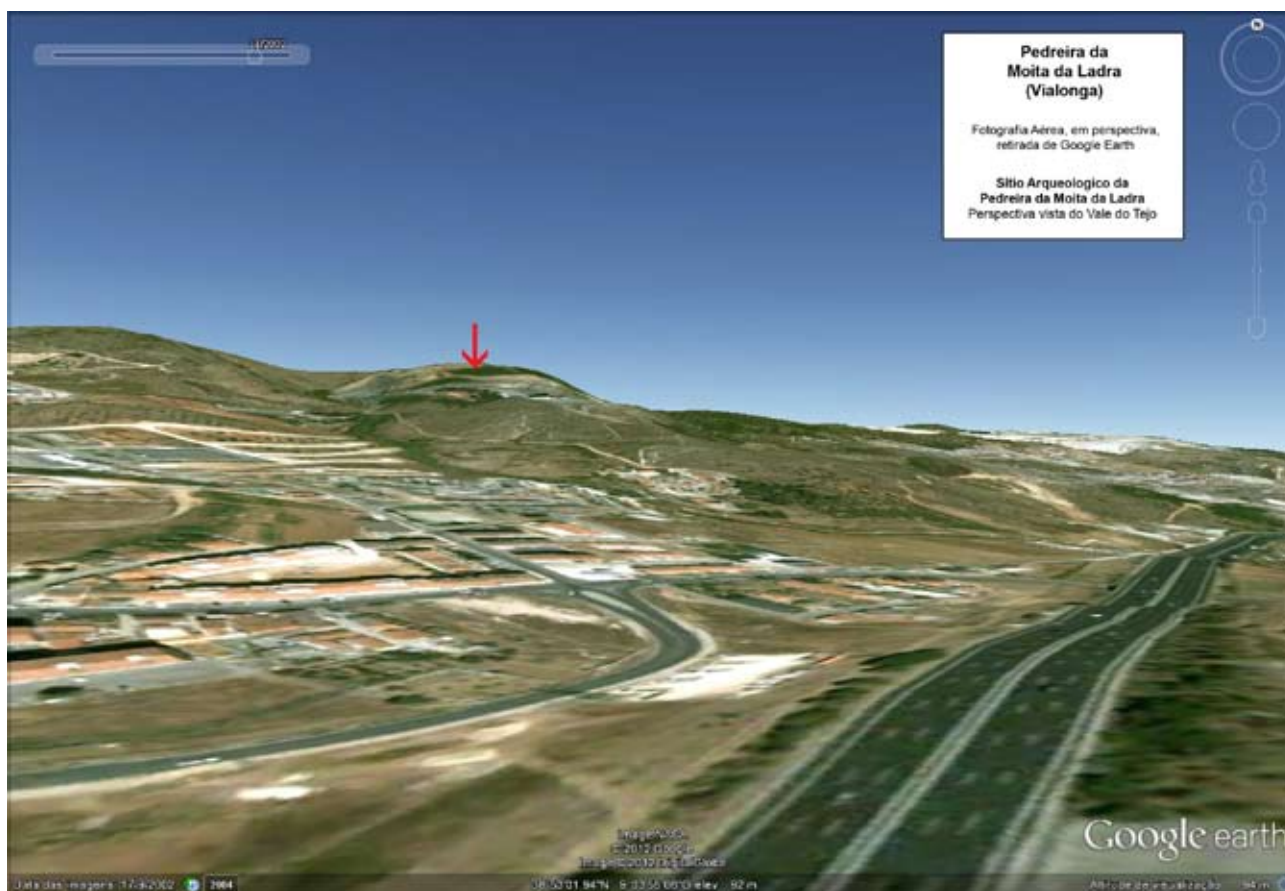


Figura 7  
Diagrama de altitudes dos sítios arqueológicos na Pedreira “Moita da Ladra”. (a numeração corresponde aos sítios indicados na Figura 5).

O relevo do terreno apenas permite um fácil acesso pelo lado Norte, o que, em caso de instabilidade, confere ao sítio, conjuntamente com o fácil controlo do vale do Tejo (via natural de circulação), uma localização estratégica de suma importância para a sua escolha como local de fixação humana.

Igualmente determinante terá sido a riqueza em recursos básicos, como a água das ribeiras, o peixe e o marisco propiciados pelo rio Tejo, a caça nas matas adjacentes e a matéria prima local (pedra, madeira e argila).

A conjugação de todos estes factores terá concedido ao local características excepcionais, que para as antigas comunidades humanas seriam certamente primordiais na escolha do local de fixação.



**Figura 8**  
Colina da Pedreira “Moita da Ladra” em perspectiva vista do vale do Tejo, imagem extraída do Google Earth.

As primeiras informações sobre vestígios arqueológicos naquele local devem-se a Rui Parreira, que em 1985 refere a presença de um povoado do Neolítico Final/ Calcolítico “na crista de elevações entre o Forte da Agueira e a Boca da Lapa” (PARREIRA, 1985, p. 113), ao qual atribuiu a designação “Fortes”, dado haver referências à existência de um forte das linhas de Torres Vedras no local.

Em 2003 deu-se início a uma campanha de sondagens arqueológicas no sítio (dirigidos por João Luís Cardoso e João Carlos Caninas), localizado no topo da chaminé vulcânica, tendo-se colocado a descoberto vestígios de um povoado do Calcolítico Pleno que, dada a importância dos vestígios identificados, determinaram a escavação integral do sítio arqueológico, dando-se os trabalhos por concluídos em 2006 com o desmonte das estruturas escavadas. Subjacente à presença calcolítica foram ainda identificados vestígios de uma ocupação do Neolítico Antigo numa pequena área localizada no lado sul-ocidental do povoado, confirmando o elevado valor científico do sítio.

Identificaram-se também dois covachos, a Norte do povoado, tendo ambos sido escavados em 2003, contendo o mais pequeno, e melhor preservado, dois vasos sobrepostos, ambos cheios de cinzas, e o maior fragmentos cerâmicos e ossos de animais. As formas dos vasos permitiram atribuir ao sítio uma cronologia do Bronze Final, ficando contudo a dúvida quanto à tipologia do sítio – depósito votivo ou necrópole – conforme recentemente foi comunicado por João Luís Cardoso (no Colóquio “Sistemas de Povoamento do Centro e Sul do Território Português no decurso do Bronze Final”, que decorreu em 23 de Outubro de 2012 na Fábrica da Pólvora em Oeiras). As dúvidas quanto à tipologia do sítio surgiram devido à ausência de ossos humanos entre as cinzas, no covacho menor, e à presença de ossos de animais, no covacho maior.



Posteriormente, face à necessidade de proceder à descoberta de uma faixa de terreno na base da encosta a NO dos covachos, decidiu-se, como medida preventiva, realizar previamente uma decapagem cuidada com o objectivo de remover cerca de 10 cm de solo, eliminando-se assim a camada vegetal. Esta acção permitiu identificar escorrências de fragmentos cerâmicos, pequenos e rolados, provenientes das cotas mais elevadas ao longo de um antigo caminho (Caminho 2, na Figura 4). Os fragmentos cerâmicos, ainda que incharacterísticos, continham pastas idênticas aos vasos exumados nos covachos e conjuntamente com estes observavam-se, com menor frequência, cerâmicas de uma tonalidade completamente distinta, de um laranja muito forte, que por norma se identificam em sítios da I Idade do Ferro. Esta situação, aliada ao facto de anteriormente se terem identificado raros fragmentos cerâmicos à superfície, colocou a possibilidade de existir na encosta ou no topo do monte um povoado da Idade do Bronze final - Idade do Ferro. Durante a decapagem, na base de um afloramento calcário, identificou-se uma pequena mancha de materiais variados, incluindo ossos, conchas, cerâmica (inclusive um fragmento de bordo com superfície brunida) e um fragmento de bronze, julgando-se então que seria uma lixeira no exterior do suposto povoado do Bronze final, dada a diversidade dos vestígios.

Admite-se que os dois covachos escavados em 2003 se encontrem associados ao depósito votivo que agora se apresenta, dado que quer as formas quer o tipo de pastas e acabamentos dos vasos são idênticas em ambos os sítios.

É provável que o povoado da Idade do Bronze final se encontre no topo do monte e/ou ao longo da suave encosta virada para o Tejo (Figura 5, N.º 4). As características do terreno (em altitude, com amplo domínio visual e difícil acesso) e a riqueza em recursos condizem com o padrão de povoamento neste período, sendo de mencionar que no histórico das fotografias aéreas existentes no Google Earth fica a ideia de haver uma linha ovalada que delimita o topo do monte, ainda que no terreno esta não seja perceptível.

Será ainda de referir que a designação “Fortes” atribuída por Rui Parreira (PARREIRA, 1985, p. 113) ao povoado da Moita da Ladra, relaciona-se com a existência no sítio de um forte (assinalado no mapa de Brandão Sousa), do qual diz já não existirem vestígios, pertencente às linhas de Torres Vedras. De facto, no decurso das escavações do povoado, no qual participou um dos signatários (Mário Monteiro), deparou-se com um troço de muro em pedra seca (considerado como muro de divisão de propriedade na altura, dada a má qualidade da construção) na extremidade Este do monte e sobre a vertente (protegendo assim o topo do monte), que se sobrepunha à muralha do povoado Calcolítico e aproveitando a pedra deste. A ser uma estrutura militar, e considerando o tipo de ali observado, não seria certamente um forte mas sim um reduto onde estaria um contingente militar ou mesmo uma bateria. Pela posição em que se encontra faria certamente comunicação entre o Forte da Agueira, a Norte, e os fortes situados a Sul (entre os quais não há visibilidade). A testemunhar esta ocupação apenas se encontrou um botão de uniforme militar inglês, pelo que se mantêm reservas quanto a ser o referido muro o que resta da estrutura militar assinalada por Brandão de Sousa.

#### 4. Escavação do depósito votivo

Os trabalhos de escavação na área do depósito votivo, sob a direcção dos signatários, tiveram a participação de Nuno Banha e Emanuel Carvalho. Em campo, houve ainda uma acção de formação dada por Cézer Santos (Figura 9), com a finalidade de ensinar a técnica de aplicação da cola acrílica *Plextol B500 Lascaux* (trata-se de uma cola, reversível aquan-

do do restauro, que é aplicada nos materiais sobre gaze e que após secagem os consolida possibilitando a sua remoção em conexão).



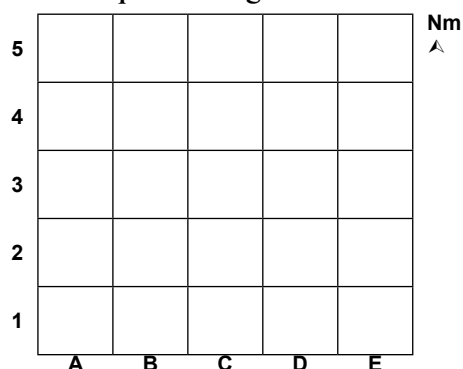
**Figura 9**  
Acção de formação,  
na fotografia Cézer  
Santos e André  
Pereira.

Após a implantação de uma área de escavação com 5 m x 5 m, na incidência dos vestígios identificados em 2003, com um dos eixos orientado a Norte, iniciaram-se os trabalhos de limpeza da camada superficial, sendo retirada a terra solta e o coberto herbáceo, recolhendo-se os poucos vestígios materiais observados à superfície.

A escassos centímetros da superfície surgiram os primeiros vasos quase intactos, pelo que se tornou evidente a presença de um conjunto arqueológico excepcional, o qual, apesar do deficiente estado de conservação, permitiria a recolha de alguns exemplares de vasos cerâmicos notáveis.

Optou-se então por criar uma quadriculagem métrica numerada no eixo Sul-Norte de 1 a 5, tendo-se atribuído ao eixo Oeste-Este designações alfabéticas para cada quadrado, de A a E (ver esquema infra). Este procedimento permitiu assegurar um registo tridimensional pormenorizado durante os trabalhos de escavação, bem como um registo gráfico mais preciso.

#### Esquema de quadriculagem da área de escavação.





Posteriormente houve necessidade de alargar a escavação manual na envolvente da área quadriculada, tendo como objectivo determinar se o sítio arqueológico se expandia para além da mancha identificada, o que não se verificou.

Os trabalhos de escavação tentaram seguir, dentro das limitações impostas pelas tentativas de conservação do numeroso espólio densamente concentrado, o método *Barker-Harris*, ou seja, por unidades estratigráficas (U.E.), seguindo um compromisso entre camadas naturais e níveis artificiais.

A escavação foi realizada integralmente de forma manual e decorreu em profundidade até atingir o nível geológico. Todas as terras retiradas da área do depósito votivo foram passadas num crivo com malha de 3mm.

A atribuição de U.E.'s foi desenvolvida por ordem aleatória crescente, nunca se repetindo um número e preferencialmente seguindo a ordem da escavação.

#### 4.1 Resultados

Logo após a decapagem da camada superficial ficou inteiramente circunscrita uma mancha de solo, encaixada na rocha calcária e preenchendo uma depressão natural, contendo cerâmica e fauna abundantes, numa área com aproximadamente 4 m de comprimento por 3 m de largura (Figuras 10 e 11).



**Figura 10**  
Depósito votivo  
após a definição das  
camadas de topo.

Com o desenrolar dos trabalhos de escavação, e dado o risco de eminente fragmentação dos vasos *in situ*, cada vez mais evidente, optou-se logo de início por fazer a sua remoção com recurso à cola acrílica *Plextol B500 Lascaux*, recomendada pelo arqueólogo Cézer Santos, como a menos agressiva para os materiais em questão. O processo, aplicado após formação dada pelo arqueólogo referido, consistiu no envolvimento dos vestígios cerâmicos em sucessivas camadas de gaze de algodão, porosa, seguidamente cobertas, a pincel, com a cola acrílica. Após secagem, foi fácil remover os vasos inteiros ou quase inteiros e em fragmentos de grandes dimensões. Muitas vezes, dado o minucioso (e moroso) trabalho de escavação para remoção dos vasos, foi necessário repetir este processo, conforme se ia escavando em volta dos vasos, no sentido de evitar a sua fragmentação imediata após a exposição ao ar.



**Figura 11**  
Depósito votivo  
após a definição das  
camadas de topo.

A elevada densidade de vasos, de grandes fragmentos cerâmicos e de fauna, que preenchiam todo o depósito, associada à uniformidade da maioria dos sedimentos e à metodologia que foi necessário adoptar para a remoção das cerâmicas, dificultou a identificação de unidades diferenciadas, sobretudo no que concerne à U.E. [02].

A camada de sedimento identificada como U.E.[01] corresponde à camada vegetal de superfície, que cobre toda a área e envolvente, estando afectada pelo revolvimento executado aquando da descoberta de 2003 e pelas lavras que antecederam essa operação.

A U.E.[05] corresponde a uma vala irregular, de sentido S-N, existente nas quadrículas E.1/E.2, que poderá estar associada a uma toca de animal, abandonada, localizada nas quadrículas E.2/E.3 que atravessou e revolveu uma área considerável no extremo Este do depósito votivo. Considerando a grande dimensão desta toca e o facto de se encontrar escavada no calcário brando poderá ser de texugo (Figura 12).

**Figura 12**  
Boca da toca após  
definição.



A U.E.[06] é uma vala de origem antrópica, com orientação NO-SE, localizada nas quadrículas D.1/E.1, de secção sub-quadrangular com ângulos quase rectos na base. Todavia é duvidosa a sua função. Tem início no extremo SE do Depósito Votivo e desenvolvimento para SE na direcção dos covachos (Figura 13). Durante o acompanhamento da descoberta mecânica do terreno não foi possível detectar a existência desta estrutura tendo sido cortada até à zona de segurança deixada em torno da área de escavação. Por este motivo, desconhece-se o seu desenvolvimento para além do sector onde se



conservou. Porém, nos trabalhos realizados em 2003, tanto na área dos covachos como nas sondagens abertas na envolvente destes, não se identificou qualquer prolongamento daquela vala, pelo que se presume tenha sido afectada num curto troço. A associação da vala ao depósito votivo é muito duvidosa ainda que plausível. Poderá tratar-se de uma vala de drenagem relacionada com o espaço ritual ou com a prática agrícola posterior. Paralelamente a esta desenvolve-se um rasgo irregular que parece corresponder a uma marca de arado, podendo a referida vala ter sido aberta com uma enxada no âmbito de trabalhos agrícolas. Será de referir que na superfície da rocha, imediatamente a Oeste do depósito votivo, se observaram rasgos paralelos que poderão ter origem na passagem de arado em volta do afloramento calcário (Figura 14). Tal situação foi observada no povoado calcolítico da Moita da Ladra, onde as tais marcas, nos blocos pétreos, indicavam o local onde o arado invertia o andamento.

**Figura 13**  
Vala correspondente à U.E.[06] e, paralelamente, rasgo irregular.



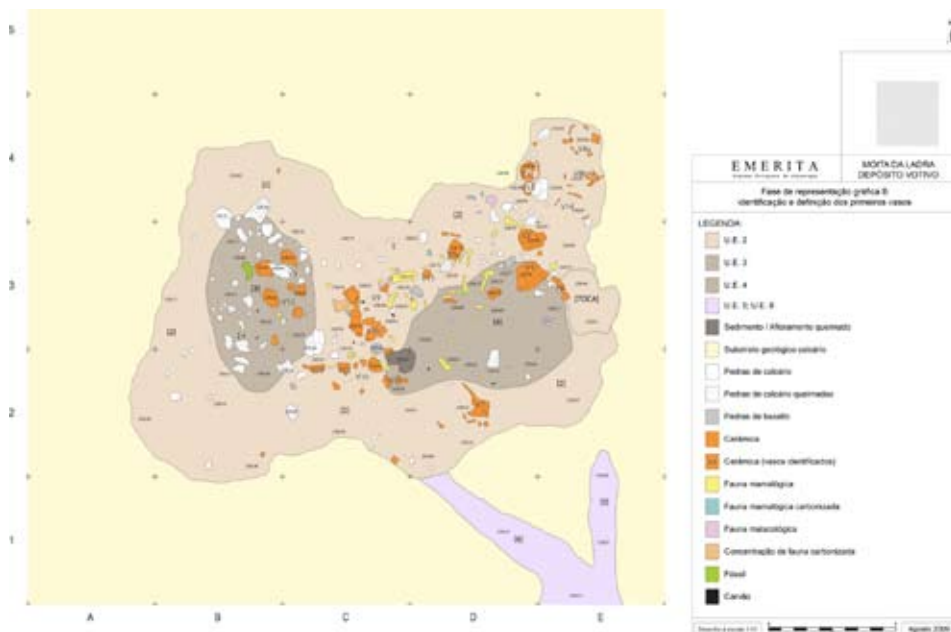
**Figura 14**  
Marcas de arado.



Identificadas nas quadrículas C.3/D.3, a mancha de combustão correspondente à U.E.[09] e a contaminação do sedimento envolvente, correspondente à U.E.[11], poderão indicar uma fogueira, dado que os ecofactos que integram (essencialmente restos de bivalves) assim o sugerem. Dada a interpretação da funcionalidade do sítio, pode tratar-se de uma realidade ritual, possivelmente relacionada com uma refeição cerimonial.

**Figura 15**  
Planta de topo do depósito votivo.

Na U.E.[12] foi recolhido o único fragmento de cerâmica com cronologias atribuíveis ao Calcolítico Final, pelo que deverá tratar-se de restos do paleosolo existente aquando da ocupação no Bronze Final.



A remoção cuidadosa dos vasos *in situ* e a abundância de fauna, materiais que se apresentavam concentrados de forma densa na área de escavação, tornaram difícil o registo gráfico de campo. Por esse motivo, e no que diz respeito à elaboração das plantas, optou-se por efectuar o registo gráfico de campo de acordo com dez fases diferenciadas alfabeticamente (exemplares de representação: Figuras 15 e 16).





Figura 16  
Planta de fase intermédia do depósito votivo.

Após a conclusão da escavação efectuou-se o levantamento topográfico (Figura 17) e fotográfico da irregularidade da rocha calcária na área do depósito votivo.

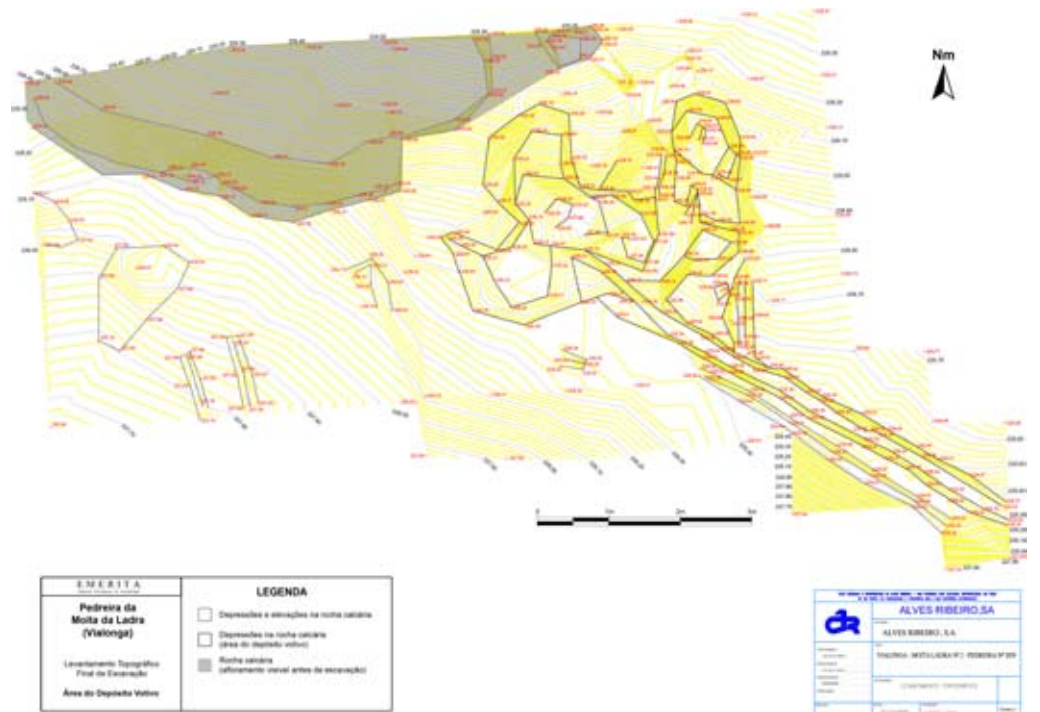
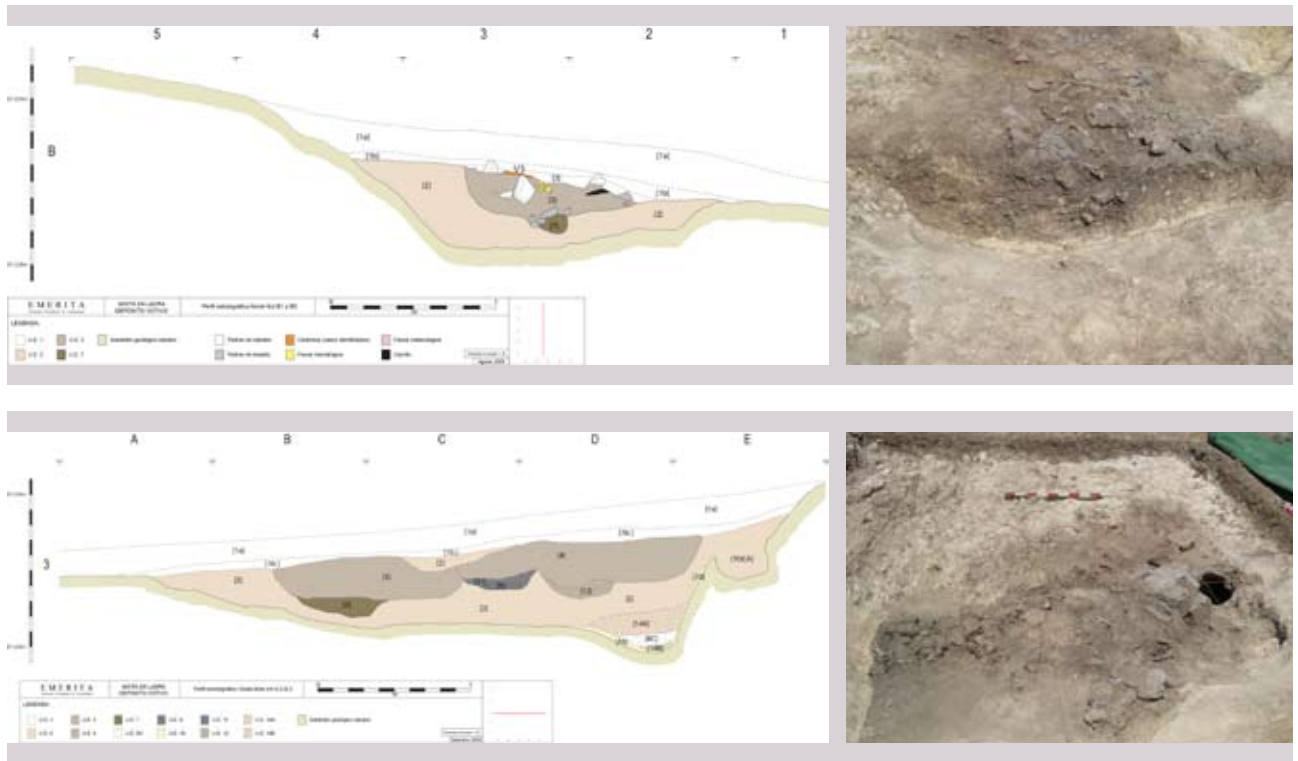


Figura 17  
Levantamento topográfico, Final de escavação.

No que concerne aos perfis estratigráficos, optou-se pela representação daqueles que fossem representativos da morfologia da depressão no substrato geológico, com as camadas principais que o preenchem, cerâmica e fauna (exemplares de representação: Norte-Sul de B.1 a B.5 – Figuras 18 e 19; Oeste-Este de A.3 a E.3 - Figuras 20 e 21).



**Figura 18**  
Exemplo: Perfil  
estratigráfico  
Norte-Sul de B.1 a B.5.

**Figura 19**  
Perfil estratigráfico  
Norte-Sul de B.1 a B.5.

**Figura 20**  
Perfil estratigráfico  
Oeste-Este em A.3 a E.3.

**Figura 21**  
Perfil estratigráfico  
Oeste-Este em A.3 a E.3.

#### 4.2 Descrição das unidades estratigráficas (U.E.)

A atribuição de U.E.'s foi desenvolvida por ordem aleatória crescente, nunca se repetindo um número e seguindo preferencialmente a ordem da escavação.

O numeral que denomina cada U.E. corresponde ao seguinte código: dezenas e unidade – número atribuído às diferentes unidades identificadas.

A grande densidade do espólio, o mau estado de conservação, quase geral, em que se encontrava, a necessidade de remoção do espólio recorrendo a Plectol e a uniformidade dos sedimentos foram factores que dificultaram a atribuição de U.E.'s, o que deu origem a uma unidade de grande dimensão, a U.E. [02], que envolve as unidades diferenciadas. Certamente que esta unidade corresponde à acumulação de diversos episódios, todavia foi impossível destrinçar diferenças que os marcassem (Figura 22).

O mesmo se passou com as unidades [03] e [04], cuja separação se deve exclusiva-

mente ao facto de no topo se encontrarem separadas pela U.E.[02].

Foram identificadas 17 unidades estratigráficas, correspondendo a duas estruturas negativas e quinze camadas de sedimento.

A camada de superfície, identificada como U.E.[01], encontrava-se sob denso coberto herbáceo e era constituída por um sedimento

**Figura 22**  
Topo das U.E.'s [02], [03]  
e [04].



orgânico com raízes abundantes, cobrindo toda a área de escavação e envolvente. De modo a registar a potencia da U.E.[01] e diferenciar as diferentes fases de trabalho, estabeleceu-se como U.E.[01a] a camada removida mecanicamente em 2003 e como U.E.[01b] a camada escavada manualmente em 2009.

Preenchendo a depressão natural no afloramento calcário a U.E.[02] embala abundantes materiais arqueológicos, com principal incidência na área central, e envolve as unidades [03], [04], [07], [09] e [11].

As unidades [03] e [04] são camadas de sedimento muito semelhantes à U.E.[02], cuja diferença em relação a esta última reside no facto de possuírem tonalidade mais enegrecida, resultado, talvez, da contaminação com a matéria orgânica (fauna e carvões) nelas



existente. Englobam materiais cerâmicos muito abundantes (contando-se, no conjunto, alguns vasos inteiros), fauna mamalógica e malacológica e alguns artefactos de metal.

Envolvida na U.E.[04] identificou-se uma deposição *in situ* que testemunha um momento específico da utilização do espaço e reforça a hipótese da sua função ritual e votiva. Trata-se da deposição dos quartos traseiros de um animal (canídeo?), em posição anatómica (ver Figura 28), estando em associação com vasos e outra fauna (Figura 23).

As U.E.'s [05] e [06] correspondem a estruturas negativas escavadas no calcário brando (Figura 24), que estavam preenchidas com um sedimento orgânico similar à U.E.[01].

A U.E.[05] corresponde a uma vala irregular, de orientação S-N, que poderá estar associada a uma toca de animal localizada imediatamente a Norte, e cuja abertura atravessou e revolveu uma área considerável no extremo Este do depósito votivo.

A U.E.[06] é uma vala de origem antrópica (?), com orientação NO-SE, de secção sub-quadrangular com ângulos quase rectos na base. Poderá estar associada à toca de texugo (?), animal que vive em complexos de tocas (ou texugueiras) escavados no solo, que consistem num sistema de túneis com várias câmaras em



**Figura 23**  
Quartos traseiros  
na U.E. [04].

**Figura 24**  
U.E.'s [05] e [06].

diferentes níveis, que atingem centenas de metros de comprimento com múltiplas câmaras subterrâneas. Os ângulos quase rectos poderão ser apenas uma coincidência.

A U.E.[07] corresponde a uma bolsa localizada sob a U.E.[03], de uma e eventual área de combustão, muito espreada, dada a abundância de carvões vegetais, que lhe conferem uma coloração muito enegrecida e acinzentada. Tal como as U.E.'s [03] e [04], inclui abundantes materiais arqueológicos cerâmicos, restos de fauna mamalógica e malacológica e alguns fragmentos de artefactos metálicos. Esta unidade corresponde a um momento diferenciado de utilização do espaço como local de combustão (Figura 25).





Figura 25  
U.E. [07].

Figura 26  
U.E. [09] e U.E.[11].

Figura 27  
U.E. [12].

As U.E.'s [08a], [08b] e [08c] correspondem a manchas disformes que resultam da presença de calcário apodrecido, proveniente de escoamento a partir do afloramento calcário. Os materiais arqueológicos são raros e encontram-se apenas na U.E.[08a], admitindo-se que correspondam a intrusões a partir das camadas envolventes.

A mancha de combustão correspondente à U.E.[09], identificada nas quadrículas C.3/D.3, e a contaminação do sedimento envolvente correspondente à U.E.[11], podem documentar uma fogueira estruturada, cujos blocos delimitadores se encontravam desordenados (Figura 26). Forma uma bolsa de coloração castanha escura com laivos acinzentados, pouco compacta, com a presença de matéria carbonizada e abundantes restos de bivalves. A presença de cerâmicas, de fauna mamalógica, líticos e de metais é rara, podendo corresponder a infiltrações de materiais das camadas envolventes. Atendendo ao contexto, poderá indicar uma refeição cerimonial. Encontrando-se claramente associada, a diferenciação na coloração da U.E.[11] é resultante da contaminação originada pela dissolução e infiltração dos carvões da U.E.[09].

A U.E.[10] corresponde a uma camada esbranquiçada, presente na área Este do depósito votivo, sobre o afloramento calcário, sendo essencialmente composta por carbonato de cálcio, pelo que deverá tratar-se da desintegração da rocha por infiltração de água. Não existem materiais arqueológicos nesta camada.

A U.E.[12] é constituída por sedimento areno-argiloso compacto, com alguns carvões, de coloração castanha, sendo semelhante à U.E.[04], pelo que poderá tratar-se da mesma realidade, embora sejam menos abundantes os fragmentos cerâmicos e a fauna (Figura 27). Nesta camada foi recolhido o único fragmento de cerâmica com cronologia atribuível ao Calcolítico Final, pelo que poderá tratar-se de vestígios do solo antecedente à ocupação no Bronze Final.

A U.E.[13], situada na quadrícula D.2, corresponde a um sedimento de coloração castanha clara que preenche uma irregularidade na rocha e contém alguma fauna mamalógica e malacológica e fragmentos cerâmicos. Num plano mais elevado, esta unidade contém um conjunto de ossos dispostos, aparentemente, de modo organizado, *in situ*, que podem corresponder a um depósito (ritual?) preservado (Figura 28). Junto ao afloramento estavam diversos blocos de calcário que, provavelmente, se terão destacado do afloramento, documentando um dos primeiros momentos de utilização do espaço.



Figura 28  
U.E. [13].

apenas é questionável nas camadas superiores devido aos trabalhos agrícolas, patentes em algumas marcas de arado no afloramento, à descoberta realizada em 2003 e à toca localizada na extremidade Este do depósito.

### 4.3. Espólio

De modo proporcionar uma visão de conjunto dos vasos e a estabelecer uma relação entre diferentes fragmentos e a sua posição no depósito, efectuou-se a numeração, sobre fotografia, dos vasos na sua posição de jazida (Figura 29), com aplicação nas representações gráficas. Como resultado obteve-se o número aproximado de 50 vasos.

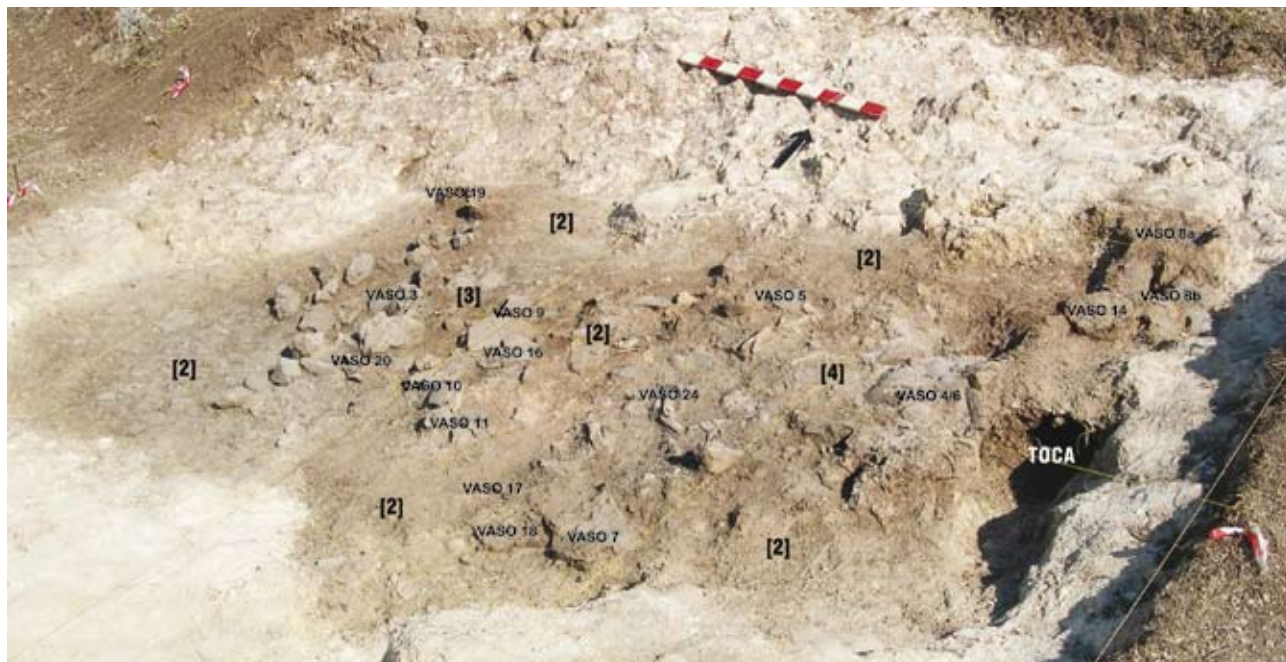


Figura 29  
Numeração sobre  
fotografia de vasos  
in situ nas camadas  
superiores.

A fauna, mamalógica e malacológica, era também abundante e encontrava-se em associação com as cerâmicas. Em contraste com a dispersão, aparentemente caótica, da fauna, destacam-se duas deposições, anteriormente referidas nas U.E.[04] e U.E.[13], os quartos traseiros de um animal (Figura 30) e um conjunto de ossos (Figura 31).

As U.E.'s [14a] e [14b], ambas constituídas por sedimentos de coloração castanha escura, preenchem a zona mais profunda da depressão na rocha e encontram-se separadas pela U.E.[08c] pelo que correspondem a duas realidades diferenciadas. Apenas a U.E.[14a] contém alguns materiais arqueológicos (cerâmica e fauna), mas podem ser de intrusões provenientes da camada correspondente à U.E.[04].

Apesar da contaminação verificada entre camadas e da disposição quase integralmente caótica do espólio arqueológico, estamos cientes de ter documentado um contexto preservado cuja rigorosa delimitação de U.E.'s



Figura 30  
U.E. [04] ossos em  
posição anatómica.



Figura 31  
U.E.[13] Conjunto de  
ossos *in situ*.

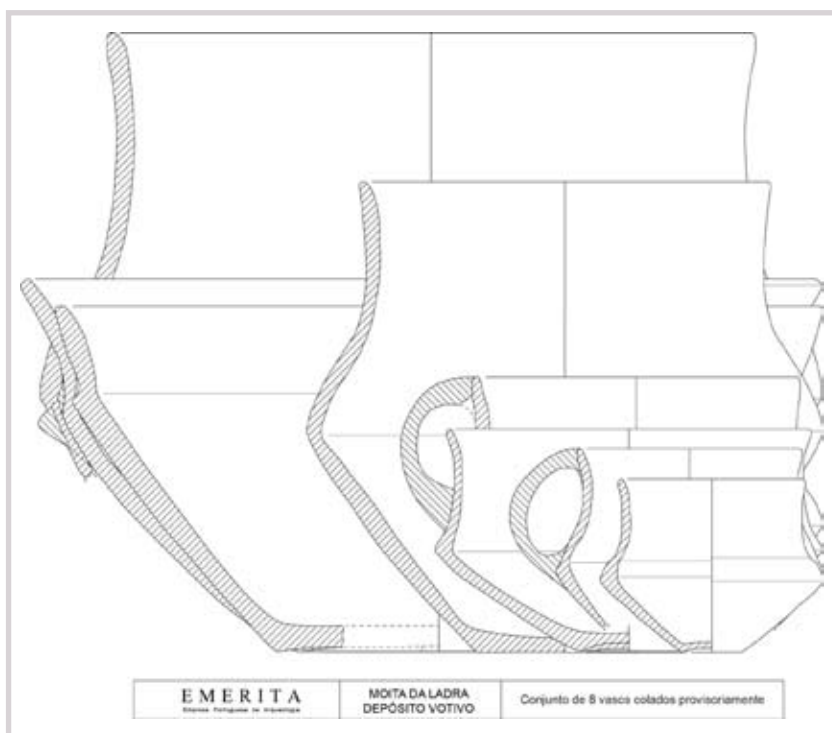


O espólio metálico é raro, sendo constituído sobretudo por fragmentos de elementos de adorno, para vestuário, em bronze (fíbulas, alfinetes, argolas e fragmentos indeterminados), distribuídos um pouco por todas as U.E.'s. A presença de fragmentos de ferro é muito rara, indiciando uma utilização incipiente da fundição de ferro.

O material lítico é constituído, sobretudo, por restos de talhe em sílex, em quartzito e em quartzo, entre os quais se encontra um fragmento de lamela em sílex. Dada a ocupação da Moita da Ladra desde o Neolítico Antigo, poderá dar-se o caso destes materiais serem oriundos de escorrências ou de terras atiradas intencionalmente sobre os depósitos votivos.

Entre o espólio lítico foram ainda exumados uma conta de colar em moscovite e quatro fragmentos de distintas placas em calco-arenito. Sendo o calco-arenito uma matéria que não existe no local, a sua origem pode estar em terrenos situados a Norte, onde se conhece a existência desta matéria. Duas placas não apresentam vestígios de utilização, uma tem uma face com polimento e a outra encontra-se polida nas duas faces. O facto de ser matéria trazida do exterior (tal como o sílex, o quartzo e o quartzito) implica que teria uma funcionalidade específica, possivelmente para afiar o gume de artefactos metálicos, o que poderá explicar o polimento de duas das placas.

Figura 32  
Conjunto dos oito  
vasos estudados.



A distribuição aleatória do espólio lítico e metálico sugere que tais peças não integravam deposições votivas, sendo, mais provavelmente, peças perdidas e/ou peças que se encontravam envolvidas nas terras utilizadas no encerramento do espaço, após cada uma das cerimónias rituais que ali terão sido realizadas.

Deste modo, considera-se que as deposições votivas seriam constituídas exclusivamente por vasos e alimentos.

Do espólio cerâmico recolhido foram seleccionados, e desenhados, oito vasos (Figura 32) que se encontravam em melhor estado de conservação e que permitem ilustrar a diversidade de formas e tipologias presentes neste depósito.



## Materiais metálicos

Os materiais metálicos são raros, encontram-se muito fragmentados e estão distribuído um pouco por todas as U.E.'s. Numa primeira análise parecem ser na quase totalidade peças de adorno, usadas sobre vestuário. A presença de fragmentos de ferro é rara.

O estudo detalhado e a representação gráfica destas peças será efectuada após a conclusão das análises químicas e da estabilização e restauro.

## Peças em bronze

O espólio em bronze é constituído por cinco fragmentos indeterminados, dois alfinetes fragmentados (Fotografias 39 e 40), cinco argolas (Fotografias 41 e 42) completas (uma das quais fragmentada em duas partes) e quatro fragmentos de fíbula (Fotografias 43 e 44), sendo que uma delas apesar de muito fragmentada poderá estar completa.



Figura 33  
Exemplar de alfinete  
ou agulha *in situ*.

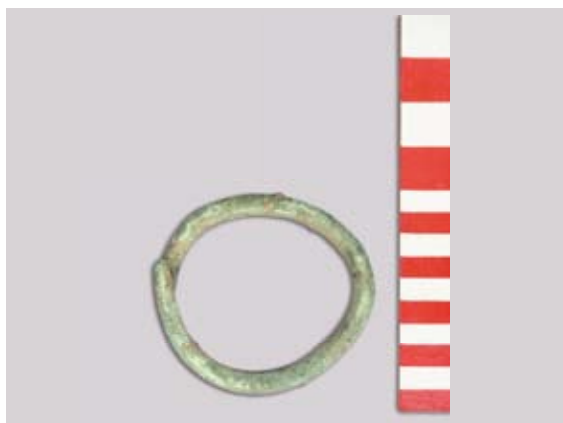


Figura 34  
Exemplar de argola.



Figura 35  
Fíbula melhor  
conservada, *in situ*.

Presentes no acervo metálico, ocorrem também pontas de alfinetes ou agulhas (Figura 33) e pequenas placas de bronze que podem corresponder a peças de artefactos de adorno.

As argolas de bronze (Figura 34) correspondem a artefactos multifuncionais, de adorno ou pertencentes a sistemas mecânicos mais complexos, sendo comuns a contextos da Idade do Bronze, habitacionais ou funerários, de Norte a Sul do território continental.

Salientam-se quatro fragmentos de fíbula, sendo uma claramente pertencente a uma peça de enrolamento no arco (Figura 35), idêntica às descobertas na Roça do Casal do Meio, Cabeço do Crasto de S. Romão, Santa Luzia e Senhora da Guia, no território nacional e que Salette da Ponte (PONTE, 2006), coloca nos séculos XI a X a.n.e. em Huelva e, mais tarde, em Sesimbra, com balizas cronológicas apontadas entre o século X e a primeira metade do século IX. Esta tipologia também está representada além-Pirenéus, revelando intercâmbios peninsulares e extra-peninsulares e, de igual modo, relações com o Mediterrâneo oriental (CARDOSO, 1995; SENNA-MARTÍNEZ, 1994).

### Peças em ferro

Apenas foram recolhidos 2 fragmentos de ferro e um pedaço de escória ferruginosa, não sendo possível determinar a função das peças no actual estado do estudo dos materiais.

### Líticos

Os materiais líticos são constituídos, quase exclusivamente, por lascas e restos de talhe em sílex e em quartzo, com dez fragmentos de sílex e dez fragmentos de quartzo (Figura 36). Para além destes foi recolhido um resto de talhe em quartzito.

Entre o espólio lítico merece destaque um fragmento de lamela em sílex e uma conta de colar em moscovite, esta última em fase de análise química.

**Figura 36**  
Restos de talhe em quartzo e quartzito (duas primeiras linhas) e em sílex



**Figura 37**  
Placa em calco-arenito com as duas faces polidas, face com incisões.



O conjunto lítico integra quatro fragmentos de placas em calco-arenito, duas delas com vestígios de uso, uma com polimento numa face e a outra polida nas duas faces, tendo incisões numa das faces (Figura 37). As duas restantes placas não apresentam vestígios de utilização. Sendo esta matéria-prima compacta e abrasiva, tais peças poderiam ter como função afiar o gume de artefactos metálicos, como parecem indiciar as incisões presentes na face de uma das placas.

### Fauna

Sendo muito abundante e diversificada, a fauna mamalógica (Figura 38) e malacológica (Figura 39) estava presente em todas as unidades que continham artefactos arqueológicos.

**Figura 38**  
Fauna mamalógica.



**Figura 39**  
Fauna malacológica.



Há a possibilidade de alguns dentes e ossos serem humanos, todavia, tal como a restante fauna, estes encontram-se em estudo, não havendo ainda dados concretos.

Neste conjunto destacam-se as já mencionadas deposições, ou sejam, na U.E.[04] os quartos traseiros de um animal (canídeo?) em posição anatómica e na U.E.[13] um conjunto de ossos dispostos de modo organizado.

Na opinião do doutor António Monge Soares, alguns ossos apresentam uma coloração provocada por exposição a fogo intenso, efeito que pode ter resultado de terã sido atirados para dentro de uma fogueira após o consumo ou de terem sido ateadas fogueiras sobre aqueles ossos que já se encontravam depositos no local.

Exumaram-se dois fragmentos de fósseis marítimos em calcário. Uma vez que nos calcários locais se observam alguns fósseis será legítimo duvidar da intencionalidade da sua inclusão no depósito votivo.

### Cerâmica

As cerâmicas constituem a grande maioria do espólio exumado, predominando os vasos muito fragmentados. Todavia, julgamos que estavam presentes no depósito quase todos os fragmentos de cada vaso, senão todos, circunstância que permitirá efectuar a colagem e o restauro da maioria dos vasos.

Foram seleccionados oito vasos que permitiram abarcar várias formas e tipologias (Figura 40), tendo sido provisoriamente colados e desenhados.

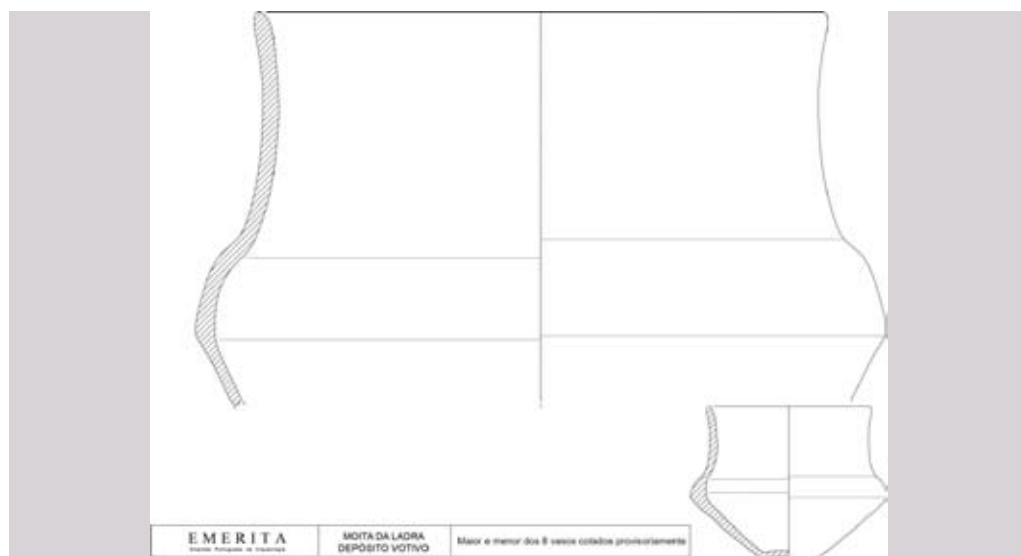


Figura 40  
O maior e o menor  
dos oito vasos  
estudados.

Constatou-se que os vasos das camadas de topo e os localizados na extremidade Este se encontravam melhor conservados, estando os das camadas inferiores, principalmente na zona central, maioritariamente em muito mau estado de conservação. Casos havia em que para além da extrema fragmentação se encontravam esmagados bojo contra bojo, como se fossem duas “bolachas” sobrepostas, pertencentes ao mesmo recipiente.

Verificou-se igualmente que os vasos se encontravam posicionados de diversas formas, com a boca para baixo, lateralmente, sobre o fundo, e com inclinações também variadas. Tal facto sugere que estavam dispostos de modo aleatório.

O estado de preservação do depósito votivo poderá dever-se a diversos factores: por se situar em área que não foi atingida pela circulação de máquinas afectas à pedreira, onde não houve arborização (existem pinheiros mansos dispersos pela área da pedreira mas os



mais próximos estão a cerca de 30 m de distância) e onde se praticou uma agricultura cerealífera recorrendo a métodos tradicionais e por isso pouco intrusiva. Neste último caso, e reforçando o reduzido impacto causada pela agricultura, a presença do afloramento obrigaria o arado a contornar a área do depósito, situação que parece ser corroborada por rasgos observados no calcário brando, tanto de Este para Oeste como de Norte para Sul, a que se atribuiu como causa provável a passagem do arado.

Deste modo, a pressão exercida sobre o depósito votivo, que pode ser a principal causa do mau estado de conservação dos vasos, não estará relacionada com actividades desenvolvidas nos últimos séculos, mas com acções contemporâneas da formação deste depósito.

A hipótese mais plausível é que o mau estado de conservação das cerâmicas e a própria dispersão caótica destas, tal como dos restantes materiais arqueológicos, esteja relacionada com acções ocorridas durante a utilização do espaço, no Bronze Final.

Como antes referido, o mau estado das cerâmicas pode ter sido provocado por mais do que um factor: os vasos poderão ter sido intencionalmente partidos no âmbito do ritual, garantindo-se assim que não voltariam a ser utilizados; após o ritual o espaço votivo poderia ter sido selado com terra e pedras; antes do início de uma nova cerimónia o depósito votivo originado pela cerimónia antecedente também poderia ter sido coberto com terra e pedras, com a finalidade de selar aquele episódio e nivelar o terreno para o acto que iria decorrer (estes dois últimos casos podem responder ao posicionamento aleatório dos vasos, à sua fragmentação e dispersão dos fragmentos, à existência de blocos pétreos dispersos por toda a área do depósito e ao próprio enchimento da depressão onde este se encontrava); a realização de fogueiras sobre os depósitos anteriores terão alterado o estado da cerâmica que ali se encontrava deixando-a fragilizada; a realização das novas cerimónias e o pisoteio dos depósitos anteriores terá acentuado, conjuntamente com outros factores, a fragmentação e o esmagamento dos artefactos jazentes.

A reutilização ritual de um recipiente quebrado, que teria uma menor capacidade de uso ou que estaria inutilizado para o uso doméstico, é patente pelo menos no vaso 32, o qual contém três pares de perfurações para gateamento (Figura 41), sendo também o melhor preservado em todo o acervo cerâmico. O estado de conservação deveu-se não só ao facto de se encontrar de boca para baixo mas principalmente à boa qualidade da cerâmica. Contrastando na qualidade com a maioria dos recipientes ali depositados, coloca-se uma questão: serão os vasos melhor conservados, aqueles que aparentemente têm uma pasta de melhor qualidade, uma reutilização ritual de recipientes domésticos que se encontravam quebrados? E de outro modo, as pastas dos vasos mal conservados, além de alteradas pela acção das fogueiras ateadas sobre o local onde se encontravam, podem ter sido produzidas para aquele fim específico (o depósito votivo), ocorrendo uma economia tanto na escolha e depuração das argilas como na cozedura dos recipientes.



Figura 41  
Vaso 32 com três pares de perfurações para gateamento (após colagem).

No que concerne aos acabamentos são notórias as superfícies brunidas, todavia sem vestígios da usual decoração de ornatos brunidos do Bronze Final. Estando as superfícies muito degradadas podem ter desaparecido evidências deste tipo de decoração. Contudo, a elevada quantidade de vasos e os abundantes vestígios de acabamento brunido que se observam, indiciam que no depósito votivo apenas foram utilizados vasos com este acabamento em toda a superfície exterior ou simplesmente alisados.

Como esta hipótese não pode ser validada no actual estado de conhecimento, o acabamento brunido das superfícies e a ausência de ornatos brunidos (ou de outro tipo de decorações) poderá corresponder a uma tradição local, ou mesmo regional. É certo que o povoado, a existir, não foi escavado, contudo, documentou-se idêntica característica nos vasos exumados nos dois covachos escavados em 2003 e nos frequentes fragmentos cerâmicos observados e/ou recolhidos à superfície e no decorrer do acompanhamento arqueológico.

No povoado de Santa Sofia, situado cerca de 10 km para NE, segundo informação de João Pimenta e Henrique Mendes, também não se identificaram cerâmicas de ornatos brunidos. Certo é que as cerâmicas do Bronze Final aqui exumadas se encontravam dispersas por uma área mais vasta e em mau estado de conservação.

O facto de em ambos os sítios não se terem encontrados cerâmicas decoradas poderá ser circunstancial, mas não se deve excluir a possibilidade de corresponder a uma tradição de expressão local.

Efectuou-se o estudo, o desenho e a descrição dos oito vasos que se encontravam em melhor estado de conservação, constituindo um conjunto uniforme enquadrável no Bronze Final (Figuras 42 a 59).

Em fase de estudo ainda precoce, foram estabelecidos alguns paralelos morfológicos entre o conjunto restaurado e exemplares da chamada “Baixa Estremadura”, da Península de Setúbal, além de pequenas incursões pelo Bronze Final das Beiras.

O estudo do restante conjunto, de cerca de 40 vasos, por restaurar, permitirá uma melhor compreensão do conjunto e confirmar ou refutar as conclusões aqui formuladas.

### Vaso 1

Vaso de pequena dimensão, carenado, de colo médio, ombro convexo e bordo ligeiramente esvasado. Possui uma asa de fita, partindo do bordo para a carena. O fundo é côncavo, apresentando um ônfalo. A pasta, em relação ao conjunto exumado, parece de boa qualidade e a superfície externa apresenta-se integralmente brunida, embora de forma rude (Figuras 42 e 43). Indicam-se paralelos morfológicos para este exemplar na necrópole de Tanchoal dos Patudos, em Alpiarça (MARQUES, 1972) e iguais formas e dimensões, embora sem asa, na Lapa do Fumo, em Sesimbra, no Cabeço da Bruxa em Alpiarça (MARQUES e ANDRADE, 1974), e nos Moinhos da Atalaia, na Amadora (PARREIRA e PINTO, 1978).

Figura 42  
Vaso 1 *in situ* (era o que se encontrava mais próximo da superfície).



Figura 43  
Vaso 1 após colagem.



### Vaso 2

Vaso de média dimensão, carenado, de colo alto, ombro convexo e bordo ligeiramente esvasado. O fundo apresenta-se plano. Em relação ao conjunto exumado, a pasta é de média qualidade. A superfície externa apresenta-se alisada ou rudemente brunida (Figuras 44 e 45). Existem paralelos morfológicos, embora com ornatos brunidos, no Monte da Pena, em Torres Vedras (MADEIRA, GONÇALVES, RAPOSO e PARREIRA, 1972) e na Necrópole de Meijão, em Alpiarça (MARQUES, 1972), este incluindo asa. Em diversos contextos referidos por Gustavo Marques e Miguéis Andrade, desde a Lapa do Fumo a Baiões, encontram-se recipientes de igual forma (MARQUES e ANDRADE, 1974).

Figura 44  
Vaso 2 *in situ*.



Figura 45  
Vaso 2 após colagem.



### Vaso 9a

Vaso de grande dimensão, carenado, de colo baixo, ombro curto e bordo recto. O fundo apresenta-se ligeiramente côncavo. A pasta é de boa qualidade, tendo em conta o restante conjunto exumado. A superfície externa apresenta-se rudemente brunida (Figuras 46 e 47). Existem paralelos morfológicos, mas de dimensões mais reduzidas, no Moinho da Atalaia, Amadora (PARREIRA e PINTO, 1978), no Abrigo Grande das Bocas, Rio Maior (CARREIRA, 1994), e em Santa Sofia, Quinta da Marquesa II e Castro do Amaral, em Vila Franca de Xira (PIMENTA e MENDES, 2010/11). De dimensões variadas e maioritariamente com ornatos brunidos na superfície externa, tais formas estão presentes em diversos contextos referidos por Gustavo Marques e Miguéis Andrade, desde a Mangancha a Baiões (MARQUES e ANDRADE, 1974).

Figura 46  
Vaso 9a *in situ*  
(fragmentos à direita).



Figura 47  
Vaso 9a após colagem.



### Vaso 13

Vaso de muito pequena dimensão, carenado, de colo médio, ombro convexo e bem marcado, e bordo esvasado. O fundo apresenta-se côncavo, com ônfalo. Comparativamente ao



conjunto recolhido, a pasta é de boa qualidade. A superfície externa apresenta-se brunida (Figuras 48 e 49). Os paralelos morfológicos deste recipiente encontram-se na necrópole de Tancoal dos Patudos, em Alpiarça (MARQUES, 1972) e nos Moinhos da Atalaia, na Amadora (PARREIRA e PINTO, 1978). Outros paralelos formais, de dimensões variadas, foram recolhidos em diversos contextos referidos por Gustavo Marques e Miguéis Andrade, desde a Lapa do Fumo a Baiões (MARQUES e ANDRADE, 1974).

Figura 48  
Vaso 13 *in situ*.



Figura 49  
Vaso 13 após colagem.



### Vaso 29

Vaso de pequena dimensão, carenado, de colo médio, ombro convexo e bordo ligeiramente esvasado. Possui uma asa de fita, partindo do bordo para a carena. Não conserva o fundo. A pasta é de boa qualidade, em relação ao conjunto exumado. A superfície externa apresenta-se integralmente brunida, mas de modo rude (Figura 50 e 51). Tal como o Vaso 1, tem paralelos formais na necrópole de Tancoal dos Patudos, em Alpiarça (MARQUES, 1972) e igual morfologia, mas desprovida de asa, na Lapa do Fumo, em Sesimbra, no Cabeço da Bruxa em Alpiarça (MARQUES e ANDRADE, 1974), e nos Moinhos da Atalaia, na Amadora (PARREIRA e PINTO, 1978).

Figura 50  
Vaso 29 *in situ*.



Figura 51  
Vaso 29 após colagem.



### Vaso 32

Vaso de grande dimensão, carenado, de colo médio, ombro curto e bordo recto. O fundo é ligeiramente côncavo. Apresenta dois mamilos juntos, com perfurações verticais. A pasta é de boa qualidade em comparação com o conjunto exumado e a superfície externa encontra-se alisada, com alguns vestígios do que poderá ser brunimento. Este vaso foi gateado (com três pares de perfurações) e por esse motivo admite-se que tenha sido reaproveitado de contexto habitacional (Figuras 52 e 53). Existem paralelos morfológicos, de dimensões variadas, e maioritariamente com ornatos brunidos em diversos contextos referidos por Gustavo Marques e Miguéis Andrade, da Mangancha ao Jardo

(MARQUES e ANDRADE, 1974). Nesta fase preliminar do estudo foram também identificados paralelos em povoados da Beira Interior (VILAÇA, 1995).

Figura 52  
Vaso 32 *in situ*.



Figura 53  
Vaso 32 após colagem.



### Vaso 37a+46

Vaso de pequena dimensão, carenado, de colo baixo, ombro recto e bordo esvasado. O fundo é côncavo, apresentando ônfalo. A pasta é de boa qualidade, tendo em conta o conjunto exumado. A superfície externa apresenta-se alisada ou rudemente brunida (Figuras 54 e 55). Identificam-se paralelos morfológicos, de idêntica dimensão, no Monte da Pena, em Torres Vedras (MADEIRA, GONÇALVES, RAPOSO e PARREIRA, 1972) e no Castro do Amaral, em Vila Franca de Xira (PIMENTA e MENDES, 2010/11).

Figura 54  
Vaso 37A *in situ*.



Figura 55  
Vaso 37A após colagem.



### Vaso 45a

Vaso de grande dimensão, carenado, de colo alto, ombro convexo bem marcado e bordo esvasado. Não conserva o fundo. Em relação ao conjunto cerâmico, a pasta é de fraca qualidade, exibindo vestígios de alisamento na superfície externa (Figuras 56 e 57). Identificam-se paralelos formais, de idênticas dimensões, nas necrópoles de Tanchoal dos Patudos e Meijão, Alpiarça (MARQUES, 1972).

Figura 56  
Vaso 45A *in situ*  
(aparentemente partido em duas partes, à esquerda o fundo, à direita o bordo correspondente à colagem).



Figura 57  
Vaso 45A após colagem.



Atendendo às características do espólio cerâmico estudado, consistindo em oito vasos num total de mais de 50, o depósito da Moita da Ladra insere-se, cronologicamente, numa 2.ª etapa do Bronze Final da Baixa Estremadura, cerca de séculos X e IX a.n.e., quiçá contemporânea da cerâmica de ornatos brunidos do tipo “Alpiarça” ou “Lapa do Fumo”, tendo as formas cerâmicas maior afinidade com o conjunto publicado por Gustavo Marques (MARQUES, 1972; MARQUES e ANDRADE, 1974) do que com o de Eduardo da Cunha Serrão (SERRÃO, 1958, 1959, 1970).

A evidente ausência de ornatos brunidos nas superfícies destes recipientes, apesar do brunimento muitas vezes vestigial, e os dados resultantes das análises cronométricas previstas, pode fazer avançar as cronologias para uma fase em que já começam a intensificar-se os contactos mediterrânicos orientalizantes, para meados do século VIII.

Pela análise do espólio metálico e cerâmico, podemos avançar com um balizamento da formação do depósito da Moita da Ladra entre os séculos X e IX a.n.e., apesar da ausência do que é tomado como “fóssil-director” desse período, designadamente a decoração das superfícies dos recipientes com ornatos brunidos. Situação idêntica ocorre no povoado de Santa Sofia (conforme a informação de João Pimenta e Henrique Mendes), cuja ocupação deverá ter sido, num determinado momento, contemporânea deste depósito.

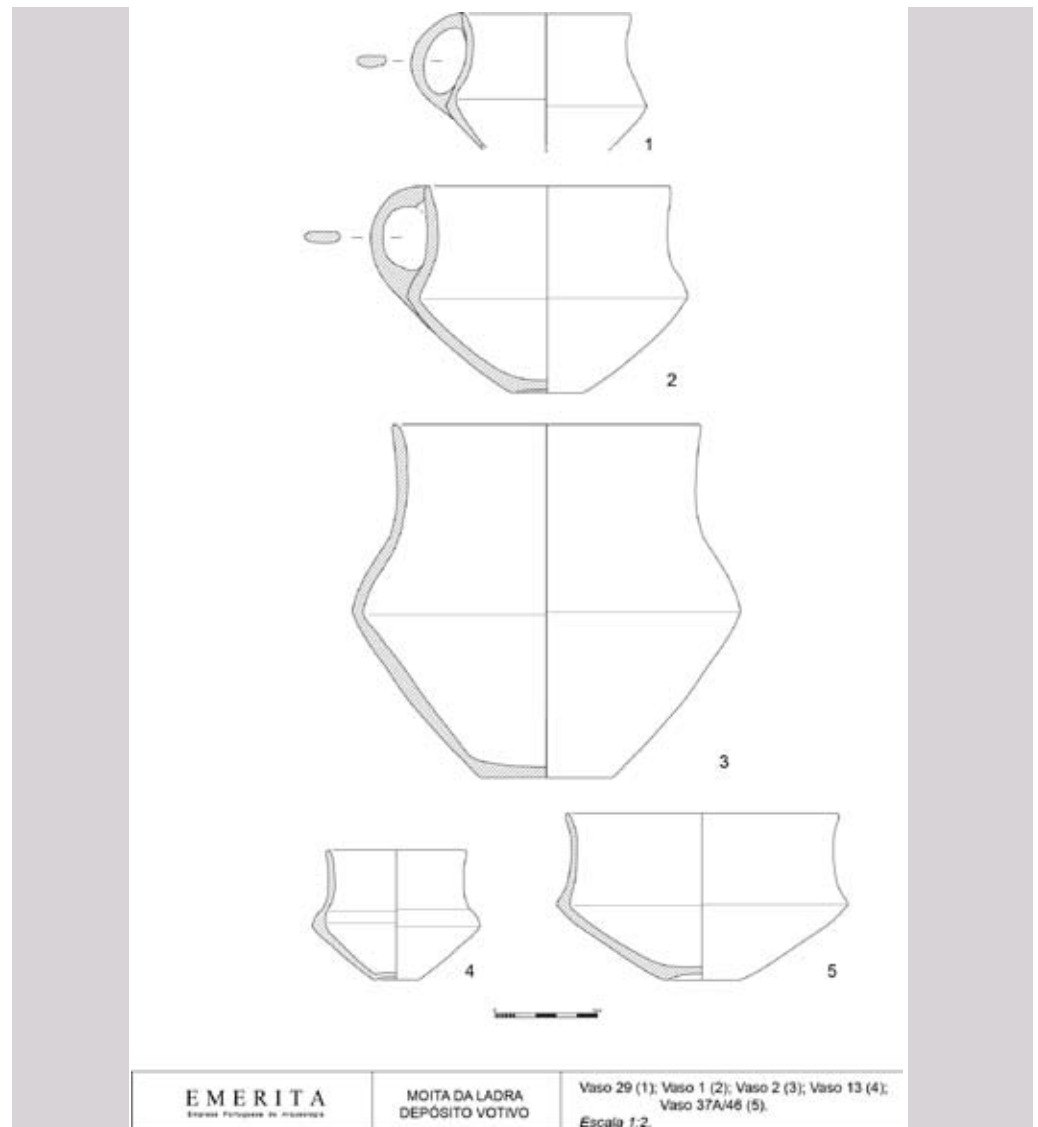


Figura 58  
Desenhos de vasos.



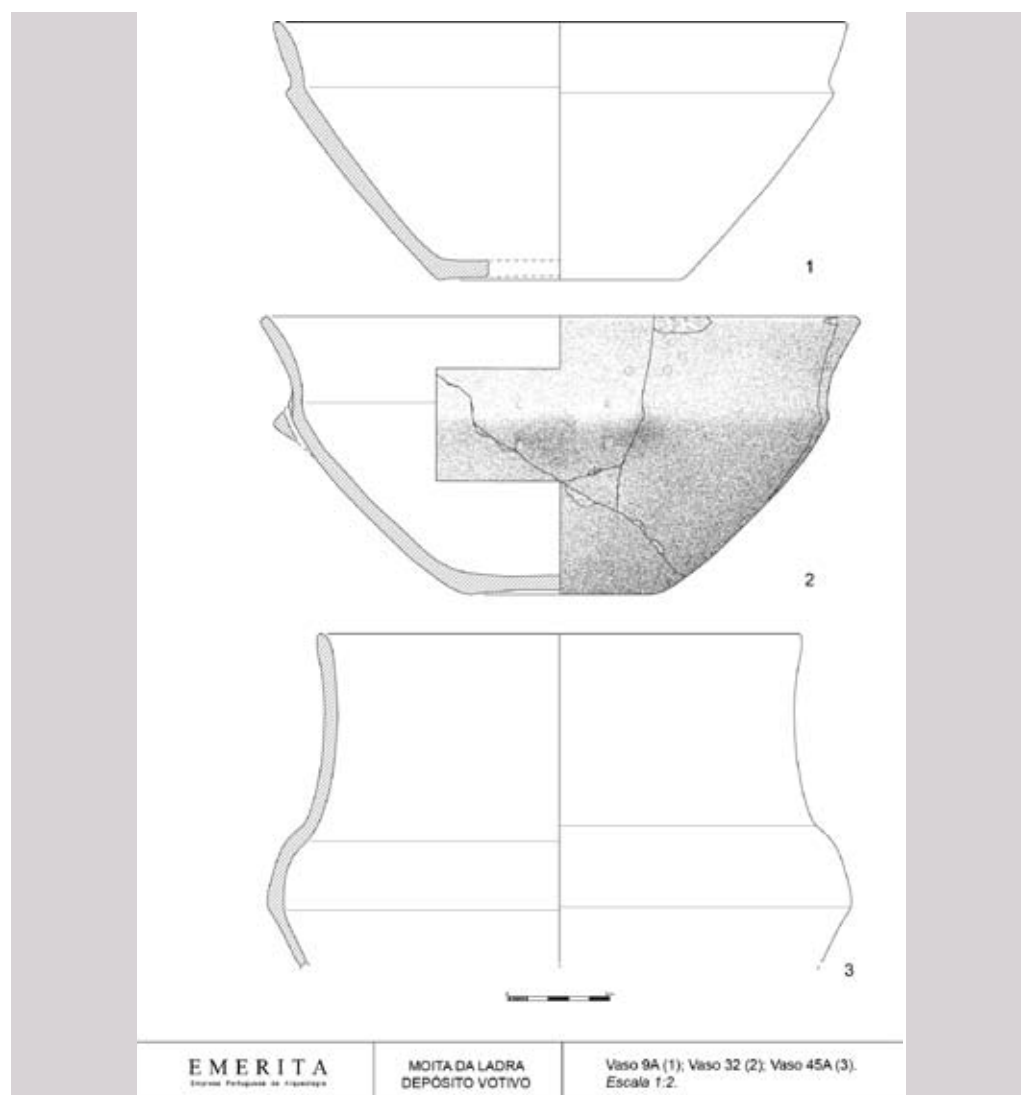


Figura 59  
Desenhos de vasos.

## 5. Considerações Finais

O local do depósito votivo de Moita da Ladra, abrange uma área com pouco menos de 4 m de comprimento por 3 m de largura e uma profundidade máxima de cerca de 70 cm, e terá sido ocupado durante um curto período de tempo, durante o qual foi continuamente utilizado.

Supõe-se que aqui tenham decorrido, em sucessivos momentos, rituais relacionados com a morte, associados a refeições rituais e, hipoteticamente, a depósitos votivos, constituídos por espólio cerâmico (possivelmente contendo bens alimentares) e faunístico. Mas não se deve excluir a hipótese destes rituais terem sido dedicados a uma divindade.

Foi utilizada uma depressão natural (Figuras 60 e 61), muito irregular, na base da qual se identificou uma camada que poderá corresponder ao paleossolo existente no início da sua utilização como espaço ritual e na qual foi recolhido um pequeno fragmento de cerâmica com decoração campaniforme geométrica.

O mau estado de conservação e a dispersão das cerâmicas devem estar relacionados com a contínua utilização do espaço. Após cada ritual deve admitir-se que os vasos fossem intencionalmente quebrados ou o local fosse simplesmente coberto com terra, de modo



Figura 60 e 61  
Depressão após o final  
dos trabalhos.

a permitir um novo ritual no mesmo espaço. Os blocos pétreos ali presentes, de pequena e média dimensão, encontravam-se em todas as camadas, misturados com os materiais e em total desorganização, como se tivessem sido colocados de modo não estruturado.

Não existem estruturas que definam claramente áreas de combustão, sendo contudo abundante em todas as unidades arqueológicas a contaminação dos sedimentos com carvão (registando-se fragmentos de carvão muito reduzidos) e a existência de blocos de calcário com evidências de exposição ao fogo.

Apesar das marcas de arado (estes terrenos foram lavrados até aos anos 70-80 do século XX, segundo informação de um habitante local) e da toca, não terá havido uma pressão e um revolvimento do solo que justifiquem o mau estado de conservação das cerâmicas (mesmo nas camadas inferiores), apesar da má qualidade destas. Por isso, admite-se que a pressão exercida sobre os vasos terá ocorrido no período de utilização do espaço.

A reutilização de recipientes, cuja funcionalidade se encontrava reduzida para utilização doméstica, como é o caso do vaso 32, e o consumo de bivalves muito jovens, demonstram, aparentemente, uma economia de recursos em âmbito ritual.

O escasso e fragmentado espólio metálico e a presença de, pelo menos, um osso e um dente que podem ser humanos, a confirmar-se, poderão indiciar que o ritual ali efetuado incluía a seleção dos ossos e a colocação em urnas cinerárias, como atestado no Monte de São Domingos, em Castelo Branco, onde se encontrou uma urna com cinzas e ossos humanos dentro de uma cabana (CARDOSO, CANINAS & HENRIQUES, 1998). Tal circunstância sugere que a incineração, numa pira funerária, seria realizada em local muito próximo, possivelmente no topo do afloramento sob o qual se encontra o depósito votivo.

No local foram exumados cerca de 50 vasos (nalguns casos com superfície brunida) e abundante fauna mamalógica e malacológica, que integram o espólio votivo. Para além destes recolheram-se escassos fragmentos de adornos em bronze (entre os quais fíbulas, alfinetes e argolas) e uma conta de colar, aparentemente ali deixados sem qualquer intencionalidade, talvez como peças perdidas.

Sendo a incineração usual no Bronze Final não será de estranhar a sua prática na Moita da Ladra, devendo estar associados a esta os rituais de comensalidade ali identificados. No campo das hipóteses, poderão ser igualmente de âmbito comensal os restos de fauna identificados num dos covachos (o maior) escavados em 2003 (trabalhos que foram apresentados por João Luís Cardoso no colóquio *Sistemas de povoamento do centro*

*e sul do território português no decurso do Bronze Final*, Fábrica da Pólvora de Barcarena, 23 de Outubro de 2012), sendo possivelmente o segundo covacho (o menor) um espaço sepulcral onde se procedeu à deposição de cinzas. Neste último encontravam-se dois vasos sobrepostos contendo exclusivamente cinzas, o que poderá significar que houve uma prévia selecção dos ossos, quiçá enterrados na área de *habitat*.

A realização de rituais de comensalidade encontram-se atestados nos hipogeus com enterramentos da Idade do Bronze nos sítios de Torre Velha 3 e de Outeiro Alto 2, ambos em Serpa, onde a presença de restos faunísticos estão associados aos enterramentos (PORFÍRIO & PAIXÃO, 2010). De igual modo, na necrópole da Vinha do Casão, em Vilamoura, considerou-se que as várias lareiras identificadas no espaço da necrópole estariam talvez associadas a um ritual de comensalidade celebrado no decurso dos enterramentos.

O espaço ritual estaria certamente associado a um povoado, localizado hipoteticamente na colina imediatamente a Norte, e a uma necrópole, que deverá ter sido destruída pelas frentes de extracção da antiga pedreira, tendo sido identificados fragmentos cerâmicos (com idênticas características) ao longo do seu limite nas proximidades do depósito e dos covachos escavados em 2003. Estes covachos poderiam ser restos da necrópole e/ou de um espaço ritual mais pequeno.

O local enquadra-se na tipologia de povoados de altura, isolados na paisagem, emergentes nesta etapa do Bronze Final, quer na região de Lisboa, em locais como o Penedo do Lexim (Mafra) ou o Castelo dos Mouros (Sintra), quer no Sul, por exemplo no Cerro da Mangacha (Aljustrel), ou no Norte, por exemplo no Alto de Santa Ana (Chaves). Não poderemos, contudo, aludir com segurança à existência de um povoado desta época na Moita da Ladra, ainda que os vestígios conhecidos o indiquem, uma vez que não há vestígios reconhecíveis que se possam atribuir a um povoado.

Nas cerâmicas encontram-se ausentes as decorações brunidas, habitualmente consideradas como características desta etapa do Bronze Final. Porém, as superfícies integralmente brunidas ou simplesmente polidas encontram-se presentes no espólio cerâmico, o que é comum em sítios do Bronze Final estremenho, como são os casos da Quinta do Almaraz e de Santa Sofia, entre muitos outros.

Encontrando-se claramente identificada a prática da recollecção de moluscos estuários, a agricultura e a pastorícia e/ou caça apenas poderão ser abordadas após o estudo da fauna mamalógica e dos sedimentos recolhidos. Todavia, a confirmarem-se estas práticas apenas se estará a atestar algo que é comum em povoados desta época.

Os depósitos conhecidos para a Idade do Bronze correspondem a conjuntos de artefactos metálicos descontextualizados, sendo considerados votivos os achados em meio aquático e “esconderijo de fundidor” ou “depósito de sucata” os achados em meio terrestre, ainda que os segundos possam ter igualmente um cariz votivo (MELO, 2000). De modo diferente, o depósito votivo da Moita da Ladra diverge dos depósitos do Bronze Final conhecidos. Aqui, o metal é escasso e possivelmente não constitui parte integrante do espólio votivo, sendo este constituído, essencialmente, por vasos (contendo alimentos?) e fauna, talvez associados a dois dos momentos de uma cerimónia de carácter comensal, consistindo numa refeição ritual e no depósito de bens alimentares.

Embora distinto e com uma cronologia mais antiga, balizada entre o século XIV e os séculos XII/XI a.C., o depósito ritual, de carácter propiciatório, do casal agrícola de Abrunheiro, em Oeiras, (CARDOSO, 2010/2011), constituído por um recipiente contendo fragmentos de um ovino ou caprino juvenil, é, em termos comparativos, o mais aproximado do depósito da Moita da Ladra.



Perante os dados obtidos, atenta a uniformidade na tipologia do espólio e a análise prévia do mesmo, admite-se um curto período de ocupação daquele espaço (100 anos se tanto) composto por distintos momentos cerimoniais. Essa ocupação, de acordo com os paralelos obtidos para o espólio, pode balizar-se na segunda etapa da Idade do Bronze Final, cerca do século X-IX a.C. (datação relativa).

A presença de fragmentos cerâmicos da I Idade do Ferro, dispersos por toda a área da colina, sugerem que tal ocupação se terá prolongado até aos inícios deste período, pelo que o sítio de Moita da Ladra constituirá um testemunho da transição Bronze Final-Idade do Ferro na Estremadura Atlântica.

O depósito votivo (espaço ritual onde deveria ocorrer todo o processo relacionado com a cerimónia, desde a incineração, às refeições, à deposição final dos restos funerários, talvez em urna, e à deposição final do espólio funerário) corresponde a um sítio único, de elevado valor científico e cultural, para o qual não se obtiveram paralelos. Muito se leu sobre o período em questão, falou-se com colegas portugueses e espanhóis, não se tendo encontrado documento escrito ou investigador que referisse um sítio com idênticas características, pelo menos no espaço peninsular.

Estando atestada a ocupação humana, ainda que não de modo contínuo, no sítio arqueológico da Moita da Ladra entre o Neolítico Antigo e o Bronze Final, e prolongando-se possivelmente para a I Idade do Ferro, seria muito importante que se identificasse, futuramente, o local onde teriam decorrido as incinerações, a localização do povoado e seu balizamento cronológico, acrescentado saber a este já tão valioso sítio e a uma era para a qual existem muitas lacunas de conhecimento.

## BIBLIOGRAFIA

- CARDOSO, J. L. (1995)** – O Bronze Final e a Idade do Ferro na região de Lisboa: um ensaio In *Conimbriga*. XXXIV. Coimbra: Universidade de Coimbra, p. 33, 74.
- CARDOSO, J. L. (1996)** – O Bronze Final da Baixa Estremadura e as cerâmicas de ornatos brunidos da Lapa do Fumo (Sesimbra) In *Sesimbra Cultural*. 5. Sesimbra: Câmara Municipal de Sesimbra, p. 6-14.
- CARDOSO, J. L. (1997/1998a)** – As cerâmicas de ornatos brunidos da Gruta do Correio-Mor (Loures). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 7. Oeiras: Câmara Municipal, p. 155-167.
- CARDOSO, J. L. (1997/1998b)** – O povoado do Bronze Final do Castelo dos Mouros (Sintra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 7. Oeiras: Câmara Municipal, p. 169-178.
- CARDOSO, J. L.; CANINAS, João Carlos; HENRIQUES, F. (1998)** – *Duas Cabanas Circulares da Idade do Bronze do Monte de São Domingos (Malpica do Tejo, Castelo Branco)*. Vila Velha de Rodão: Associação de Estudos do Alto Tejo.
- CARDOSO, J. L. (1999/2000)** – Aspectos do povoamento da Baixa Estremadura no decurso da Idade do Bronze. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 8. Oeiras: Câmara Municipal, p. 355-413.
- CARDOSO, J. L. (2000)** – Na Arrábida, do Neolítico Antigo ao Bronze Final. *Actas do Encontro sobre Arqueologia da Arrábida. Trabalhos de Arqueologia*. 14. Lisboa: IPA, p. 45-70.
- CARDOSO, J. L.; SILVA, I. M. da (2004)** – O povoado do Bronze Final da Tapada da Ajuda (Lisboa): estudo do espólio cerâmico. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 7.1. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 227-271.
- CARDOSO, J. L. (2006)** – A Estação do Bronze Final do Cabeço do Mouro (Cascais): resultados das escavações realizadas. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 9.1. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 21-46.
- CARDOSO, J. L.; CANINAS, J. C. (2006)** – *Relatório Final dos Trabalhos executados no povoado muralhado calcolítico de Moita da Ladra (Vila Franca de Xira)*. Relatório não editado, fornecido pela EMERITA, Lda.
- CARDOSO, J. L.; CANINAS, J. C. (2010)** – Moita da Ladra (Vila Franca de Xira). Resultados preliminares da escavação integral de um povoado calcolítico muralhado. *Transformação e Mudança no Centro e Sul de Portugal: o 4.º e 3.º milénios a.n.e.* *Actas do Colóquio Internacional (Cascais, 4-7 Outubro 2005)*. Cascais: Câmara Municipal, p. 65-95.
- CARDOSO, J. L. (2010/2011)** – O Casal Agrícola do Bronze Final de Abrunheiro (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 18. Oeiras: Câmara Municipal, p. 33-74.
- CARREIRA, J. R. (1994)** – A Pré-história recente do Abrigo Grande das Bocas (Rio Maior). *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. 2. Lisboa: Colibri, p. 47-144.
- COFFYN, A. (1983)** – La fin de l'Âge du Bronze dans le centre-Portugal. *O Arqueólogo Português*. IV.1. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 169-196.
- FÉLIX, P. J. S. (1999)** – O Final da Idade do Bronze no Centro-Oeste Peninsular: a Contribuição do Ribatejo Norte. *Revista de Guimarães*. Volume Especial, II. Guimarães: Casa de Sarmento. Centro de Estudos do Património, p. 715-740.
- JORGE, S. O. (1991)** – Idade do Bronze : apontamento sobre a natureza dos dados arqueológicos. *Revista da Faculdade de Letras: História*. série II. vol. 8. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 385-392.
- MADEIRA, J.; GONÇALVES, J. L.; RAPOSO, L.; PARREIRA, R. (1972)** – Achados da Idade do Bronze no Monte da Pena (Barro / Torres Vedras) – Notícia Prévia. *O Arqueólogo Português*. III.6. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 207, 212.
- MARQUES, G. (1972)** – Arqueologia de Alpiarça. As estações representadas no Museu do Instituto de Antropologia do Porto. *Trabalhos do Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»*. 13. Porto: Faculdade de Ciências.
- MARQUES, G.; ANDRADE, M. (1974)** – Aspectos da proto-história do território português – 1 – Definição e distribuição geográfica da Cultura de Alpiarça (Idade do Ferro). *Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia*. I Volume. Porto: Ministério da Educação Nacional/Junta Nacional da Educação, p. 125-148.
- MELO, A. Á. de (2000)** – Armas, utensílios e esconderijos. Alguns aspectos da metalurgia do Bronze Final: o depósito do Casal dos Fiéis de Deus. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Vol. 3. N.º 1. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 15-120.
- MELO, A. Á. de; SENNA-MARTINEZ, J. C. (2002)** – Agricultores e Metalurgistas, da Troca ao “Mercado”. Alguns aspectos e problemas do Bronze Final e Primeira Idade do Ferro na “Península de Lisboa”. *Turres Veteras. IV Actas de Pré-história e História Antiga*. Torres Vedras: Câmara Municipal de Torres Vedras, Sector da Cultura/Instituto de Estudos Regionais e do Municipalismo “Alexandre Herculano”. p. 95-118.

- PARREIRA, R. (1985)** – Inventário do Património Arqueológico e Construído do Concelho de Vila Franca de Xira – Notícia da Parcela 403-8. *Boletim Cultural*. 1. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, p. 107-119.
- PINTO, C. V.; PARREIRA, R. (1978)** – Contribuição para o Estudo do Bronze Final e do Ferro Inicial a Norte do Estuário do Tejo. *Actas das III Jornadas Arqueológicas. 1977*. Volume I. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 147-163.
- PONTE, S. da (2006)** – *Corpus Signorum das Fibulas Proto-históricas e Romanas de Portugal*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.
- PORFÍRIO, E. M. B.; PAIXÃO, M. A. (2010)** – Rituais Funerários e Comensalidade no Bronze do Sudoeste da Península Ibérica: novos dados a partir de uma intervenção arqueológica no sítio da Torre Velha 3 (Serpa). *Estudos do Quaternário*. N.º 6. Braga: APEQ, p. 49-66.
- SENNA-MARTÍNEZ, J. C. de (1994)** – Entre o Atlântico e o Mediterrâneo: algumas reflexões sobre o Grupo Baiões – Santa Luzia e o desenvolvimento do Bronze Final peninsular. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. 2. Lisboa: Colibri, p. 215-232.
- SERRÃO, E. da C. (1958)** – Cerâmica proto-histórica da Lapa do Fumo (Sesimbra) com ornatos coloridos e brunidos. *Zephyrus*. IX-2. Salamanca: Universidad de Salamanca, p. 177, 186.
- SERRÃO, E. da C. (1959)** – Cerâmica com ornatos a cores da Lapa do Fumo (Sesimbra). *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*. Volume I. Lisboa: IAC, p. 337-359.
- SERRÃO, E. da C. (1970)** – As cerâmicas de «retícula bruñida» das estações arqueológicas espanholas e com «ornatos brunidos» da Lapa do Fumo. *Actas das I Jornadas Arqueológicas. Lisboa – 1969. Volume II*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 271-309.
- SILVA, I. - Coord. (1995)** – *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de Poder. Catálogo da Exposição*. Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura/Instituto Português de Museus/Museu Nacional de Arqueologia.
- VILAÇA, R. (1995)** – Aspectos do povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos finais da Idade do Bronze. *Trabalhos de Arqueologia*. 9. 2 Vols. Lisboa: IPPAR.
- VILAÇA, R.; ARRUDA, A. M. (2004)** – Ao longo do Tejo, do Bronze ao Ferro In *Conímbriga*. XLIII. Coimbra: Universidade de Coimbra, p. 11-45.
- VILAÇA, R. (2008)** – *Através das Beiras. Pré-História e Proto-História*. Coimbra: Palimage.

---

#### NOTAS

<sup>1</sup> Arqueólogos da EMERITA, Empresa Portuguesa de Arqueologia, Lda.